



AVENÇA

O VILVERDENSE

QUINZENÁRIO REGIONALISTA — PROPRIEDADE DE NOSSA SENHORA DO ALVIO

Director e Editor Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva



Redacção e Administração: Residência Paroquial de Prado — Tel. 9223 — BRAGA
 VISADO PELA CENSURA
 Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do «Diário do Minho» — BRAGA

Rev. mo Sr. Pe. Manuel Gonçalves Diogo Pároco de VILA VERDE

OS PRIMEIROS PASSOS

QUANDO, em 19 de Março de 1956, apareceu «O Vilaverdense» na Galeria da pequena Imprensa, é de crer que este acontecimento tivesse constituído a habitual surpresa para aqueles que, ou por negligência ou por falta de iniciativa, não considerassem possível a fundação do referido jornal. Porém, os que, por ventura, assim pensavam deverão, hoje, estar convencidos de que «Querer é poder», e tanto assim que «O Vilaverdense», bem conduzido nos seus primeiros passos por pessoas de reconhecida idoneidade moral e de revelados sentimentos bairristas, vai completar um ano de existência.

Com manifesta projecção na vida do Concelho e ainda em certos sectores do ambiente social. Com elegância bem caracterizada e com espírito altamente esclarecido, a sua orientação não só deverá servir de exemplo para todos os que assumirem responsabilidades dessa natureza, como também deverá estimular os obreiros do engrandecimento de uma terra, neste caso todos os que anseiam a prosperidade do concelho de Vila Verde, extensiva a todos os seus habitantes, seja qual for a sua categoria. Por minha parte, que me considero no número destes, não posso ocultar a minha satisfação ao ver entrar no segundo ano da sua publicação o jornal que tem correspondido ao imperativo da iniciativa da Irmandade de Nossa Senhora do Alívio, de tão antiga e tão conhecida tradição.

Está, pois, vencida a primeira etapa, isto é, «O Vilaverdense» vai sabir, no dia 19, para o segundo degrau da escada que o há-de conduzir ao seu trono de glória, sendo certo que para isso se torna necessário que todos os Vilaverdenses, em condições de o fazerem, o recebam em sua casa para que, assim, ajudem a manter com o devido vigor e o devido entusiasmo os sacrifícios de quem se abalançou a transformar em realidade a fervorosa aspiração de Vila Verde ter um jornal como símbolo da sua vitalidade mas projectava em mais largos horizontes. São esses os meus votos.

Guimarães, Março de 1957.

Mário Meneses



DEVOÇÃO a S. José

De entre os santos que os cristãos veneram, há um que lhes atrai mais a devoção, sendo tratado com uma ternura e um carinho indescritíveis.

É S. José a quem o povo chama com aquela simplicidade própria da gente humilde, por «São Josézinho».

A devoção a S. José é grande, e vem já desde tempos que se perderam pelos séculos fora, não sendo, por isso, possível datar.

Falam dela os cantos religiosos que, a cada passo, durante o ano, se ouvem nas encostas dos montes, ou nas leiras em socacos pendurados em acentuado declive até ao fundo dos vales:

Quem do céu graças pretende, Aos pés de José deve ir; Jesus seus rogos atende Em tudo quanto pedir.

Foi guarda fiel e auxílio De Jesus, da Virgem Mãe: Na jornada deste exílio Foi justo como ninguém, etc.

São estes e outros muitos cantos saídos do fundo dos pulmões da gente moça, cheia de fé, a fé da gente das nossas aldeias, ainda felizmente repleta de vida cristã.

É vê-los quando a festa se aproxima. Que entusiasmo! Os meninos lembram-se muitas vezes de S. José porque é no dia a Ele consagrado que usam os seus fatinhos novos e os sapatos mercados ainda há pouco na feira anterior.

A mocidade deixa o seu trabalho em meio para arranjar pinheiros e pinheirinhos que, vestidos de papel multicolor, há-de engalanar as ruas simples e humildes da nossa terra que a 19 de Março verá passar no seu rico andar, todo coberto de flores, a imagem de S. José sustentada por quatro valentes jovens.

Falam da devoção a S. José: os três oratórios da Sagrada Família de Nazaré que são recebidos nas casas fidalgas dos ricos, e nas humildes casinhas dos pobres; o mil e uma vez repetido seu «Bendito Nome» quando é na nomeação dos santinhos ao moribundo que vai partir para a eternidade: «Lembre-se de S. José».

zinho... «S. Josézinho o acompanhante»...

Fala ainda o devoto interesse e entusiasmo do povo pelo mês de S. José; as esmolas que oferecem para o brilho da festa; as velinhas que ardem aos pés da sua imagem veneranda; a igreja que se enche de fiéis para ouvir as pregações religiosas; e o grande número de comunhões, sem dúvida o melhor presente que podem oferecer ao seu «S. Josézinho».

Um dia falava com o Rev. Pároco da freguesia a respeito da devoção a S. José. Disse-me: «Quando tomei conta da freguesia reinava espiritualmente uma autêntica «Babilónia» e era desolador ver tanta coisa fora do seu lugar.

Havia já uma grande devoção a S. José e a Ele attribuo o progresso espiritual desta gente».

Parece-me que a freguesia foi consagrada pelo Rev. Senhor P.e Abel a S. José, e foi certamente pela grande devoção que o povo lhe tributava. Na verdade, apesar da metade de meia dúzia de magarefes que porventura haja, a revolução espiritual deu-se, e continua, graças a Deus.

Hoje os vizinhos olham-nos com um certo respeito e já desapareceram os maus preconceitos que de nós faziam e que eu tenho a confessar que correspondiam à verdade, aqui há duas dúzias de anos.

Deveremos grandes favores a S. José. Celebrámo-lo, pois, num cântico de amor e de fé.

De Sousa Gaio

Assinantes que pagam adiantadamente

Publicaremos, de hoje para o futuro, os assinantes que se dignarem pagar adiantadamente a sua assinatura, cumprindo assim, o seu dever porque jornais e revistas

(Continua na página 8)

Problemas do Concelho

Electrificação

Algumas pessoas escreveram-nos apoiando as considerações que aqui fizemos sobre a electrificação do nosso concelho, e todos concordam na urgente necessidade de tal melhoramento apresentando-nos razões muito interessantes que examinaremos melhor em qualquer oportunidade, mas também todos são unânimes em afirmar o seu desapontamento quanto ao prazo de tais realizações.

Se até agora não foi possível electrificar mais que uma parcela do nosso concelho tão extenso, diz-nos um leitor: em que data as freguesias dos extremos do concelho terão a corrente eléctrica? Ajuntavam-se ainda observações de grande valia, por exemplo esta:

Uma ou outra localidade poderia ter mais facilmente a energia eléctrica se lhe consentissem a ligação vinda de concelhos vizinhos, mas tal não se poderá arranjar por causa de certos contractos com determinadas entidades.

Queremos transcrevê-la por expressiva, a afirmação dum nosso amigo que nos falou do mesmo assunto: «pobres dos concelhos que não são encabeçados por uma cidade».

A par destes poderíamos apresentar mais testemunhos, bem significativos da atenção que hoje se presta a este magno problema, autêntico segredo do rápido desenvolvimento de muitas terras e da sua completa modificação sob o ponto de vista económico.

Não conhecemos o plano que a Câmara talvez tenha elaborado quanto à electrificação do concelho e o modo como pretendem realizá-lo, mas desde já podemos afirmar que o dinamismo e espírito de iniciativa dos nossos responsáveis, mesmo a longo prazo, há de satisfazer este desejo das nossas populações. Não cremos que por culpa de alguém haja peias tão fortes que até hoje tenham impedido de algum modo a solução parcial ou total deste problema. Se tal houvesse desde já ajudaríamos para que essa anomalia se resolvesse quanto antes.

Consta-nos já dos bons resultados e adiantamento dos preparativos para quem importantes zonas fiquem completamente satisfeitas. Estão neste caso a Ribeira de Penela com as freguesias de Pedregais, Duas Igrejas, Azões, Rio Mau, Goães, Marrancos e Portela. Esperamos que não se dê o caso da encomenda que nunca mais chega.

O concelho de Vila Verde possui ainda um punhado de pessoas verdadeiramente afectas à sua Terra de nobres tradições. Contamos com todas e delas esperamos um esforço realizador para o progresso desta gente.

Com estas considerações apenas pretendemos chamar a atenção a quem compete orientar certas actividades e despertar o autêntico espírito de iniciativa e realização nas vontades mais generosas para que se resolvam os mais difíceis e complexos problemas do nosso concelho.

Lúcio Maia.

O Aniversário de «O Vilaverdense»

Completa hoje «O Vilaverdense» o seu primeiro ano de vida e, a propósito, não quero deixar de fazer uns breves comentários.

A Imprensa é indispensável a todos os povos civilizados e a sua importância é de tal ordem, que nem o Cinema, nem a Rádio, nem a Televisão, conseguiram diminuí-la. Quer dizer: o extraordinário desenvolvimento destes três últimos meios de informação, de cultura e de recreio, não se reflectiu no papel social da Imprensa nem na necessidade da sua existência. Que assim é demonstra-o o facto de em todo o Mundo o número de jornais ter subido progressivamente e mostrar tendência para subir ainda mais — segundo vejo através de uma estatística recente, de origem argentina, que não reproduzo pela extensão a que obrigaria.

A par da grande Imprensa diária e das publicações de feição técnica, literária e artística, há a chamada «pequena Imprensa», de carácter regional, em que se integra «O Vilaverdense». Em tempos, esta Imprensa era geralmente olhada sem grande interesse e ainda hoje a maioria da população lhe não atribui o alcance que na realidade ela tem.

No entanto, os modestos periódicos disseminados pelo País, exercem uma alta

missão e merecem o apoio e o carinho de todos. Lutando com graves dificuldades financeiras resultantes da sua limitada expansão, do reduzido número de anúncios e dos agravamentos verificados no custo da composição e impressão, estarão condenados a uma vida irregular se com eles não cooperarem os que a isso se acham moralmente obrigados.

Vila Verde é a sede de um concelho e de uma comarca importantes e não se justificava que não tivesse o seu jornal. Regiões mais modestas os têm e na de Vila Verde a necessidade era tanto maior, quanto é certo rarearem as suas correspondências nos jornais diários.

«O Vilaverdense» surgiu pois em boa altura. Para o concelho, têm a vantagem de pugnar pelos seus legítimos interesses; para os naturais do mesmo, sobretudo para os que vivem longe, tem ainda a de lhes levar as notícias por que naturalmente anseiam. A iniciativa da sua publicação merece portanto louvores. Que todos assim o entendam e não neguem o seu contributo para a manutenção e desenvolvimento do jornal são os meus sinceros desejos.

MIGUEL DA CUNHA

NOTAS

1) Apesar de vivermos numa época que se diz civilizada, ainda se verificam coisas disparatadas que se passam com pessoas que podemos classificar de «gente sem miolo». Referimo-nos a todos os que não querendo ouvir nem cumprir a Lei de Deus se dedicam a práticas de bruxaria, feitiçaria, etc. O concelho de Vila Verde não é dos mais puros nesse aspecto e ao longe corre fama das umas «sábias» do nosso concelho. Era bom que se virmos o feitiço contra o feitiço...

2) Um bom livro é um bom amigo e um livro mau é... Há muit

Hugo dos Vales.

(Continua na página 7)

« Calendários e Almanagues »

por QUERUBIM GUIMARAES

Aproveitando a rubrica da nota publicada, num dos números do *D. do Minho* por P.C. sobre o assunto, apressei-me a associar-me inteiramente a esse protesto contra o abuso de firmas comerciais que editam calendários e almanagues, com um sentido de reclame dos seus produtos que ultrapassa o que é devido em decência de costumes, a carecer, nisso como em muitas coisas, de repressão severa por parte duma policia especial que faça retirar dos escaparates esses exemplares de uma licenciosidade pela imagem tão lamentavelmente consentida até agora.

A repressão tem de ir mais longe. Não deve limitar-se a arrancar de certos lugares públicos, onde se exibem esses atestados da baixa moral em que se vive e que, por tão indesculpável condescendência e força de hábito, já não ferem a sensibilidade de grande número de pessoas que, pela sua posição social e responsabilidades deveriam reagir e, a fazê-lo, o fariam com êxito. É preciso castigo exemplar. A reprovação completa.

Desde que as pessoas responsáveis na vida social tomassem a seu cargo, espontaneamente, esse saneamento, os abusos dessa natureza reduzir-se-iam, pelo menos, quando não fossem totalmente extintos.

Há muita coisa nessa ordem que se permite e cresce, como erva daninha em chão mal arrotado, justamente porque a sociedade não reage contra isso, encontrando, assim, esses desorganizadores da disciplina moral e do respeito devido a costumes são, propício ambiente a dar largas a tão ignóbeis explorações. Se tudo se espera da acção coerciva do Estado, mau é e bem sintomático do estado de podridão de uma sociedade a roçar pelas degradações do Baixo-Império.

Porque há-de apelar-se para o Estado em tanto que está exclusivamente nas nossas mãos? Porque exigir um policia em cada local e uma ordem legal prévia a impôr intervenções da autoridade, se os infractores da decência social, que deve ser respeitada, se coibiriam, sem dúvida, de tais abusos, se sentissem a salutar reacção do meio em que actuassem, o protesto e a condenação do público cuja atenção pretendem chamar com indecorosos reclames? A culpa é do público, é nossa e só nossa. Temos o dever de reagir. E como? Ao recebermos calendários, cartazes, almanagues, impróprios de figurar numa casa decente, devolvê-los imediatamente à procedência. Quando os vissemos em outras casas ou lugares públicos, não hesitar um momento na reprovação desse assentimento aí dado a tão baixa exploração do que, por ser meramente animal, desperta no homem, imponderado ou escravo de respeito humanos, complicitades de tolerância ou vergonhosas e conscientes excitações dos sentidos.

As reacções severas, chamando os culpados ao reconhecimento dos perigos a que dão causa, resultam muitas vezes eficientes.

Recordo o que comigo aconteceu numa loja de barbeiro, onde várias vezes ia cortar o cabelo. Estes estabelecimentos são os mais atreitos a esta endência dos reclames pelo nú.

Ali se acumulavam as tampas de calendários já antigos, ao lado dos actuais, pejando as paredes com esse museu de porcarias. Um dia não me contive e delicadamente disse ao dono da barbearia que aquela exposição não era própria de uma casa decente, mas antes do ambiente infecto dum alcoice. O homem desculpou-se dizendo que tudo aquilo eram reproduções de fotografias de mulheres em fatos de banho, pois que todas essas nudesas eram de corpos ao sol em areais marítimos. No entanto, reconsiderou e quando lá voltei os calendários antigos estavam retirados das paredes e os outros foram reduzidos, nem tantos sendo precisos, embora, para marcar o andamento dos dias da semana.

O que acontece com os calendários e com os almanagues, acontece igualmente com os cartazes anunciadores de espectáculos, sobretudo nessas vergonhosas exhibições cinematográficas a atraír, para maior lucro das empresas, homens e mulheres que no "cran" encontram cenas de degradação moral, causadoras, como o registam inquéritos e estatísticas, de danos sociais e familiares incontáveis. O perigo dos jovens dos dois sexos, apesar das restrições da lei, fundadas em bases de idade difficilmente averiguáveis, que o mau cinema lhes causa é evidente mesmo quando atingem os dezoito anos, nesta idade então maior ainda.

Há necessidade de uma intervenção do Estado, maior e mais profunda. Mas, por nossa parte, supramos as deficiências, reagindo sem contemplações. Se assim fizermos, o abuso diminui, pelo menos, se não cessar completamente.



CASA DAS MALHAS

Rua dos Capelistas — Campo da Vinha
BRAGA

Para comemorar, de um modo especial

O 1.º Aniversário da Sua FILIAL

oferece no dia de S. José (19 de Março)

LINDAS IMAGENS

deste Santo a todos os seus estimados

Clientes que neste dia nos dêem a honra e prazer da sua visita

Avante, «Vilaverdense»

O «Vilaverdense», apesar de criança, «pois só tem um ano de existência, não só percorre o império Português, como ultrapassou além fronteiras. Percorre a Espanha, França, Brasil, as Américas e as Africas, enfim, vai-se dilatando, como podemos verificar na coluna dos assinantes.

O seu nascimento, foi saudado, alegremente, por todos os vilaverdenses que mourejam nas longitudes do universo, porque a todos leva notícias da sua terra mãe. E quem as não deseja?

Quantos filhos desejam ter notícias do seu torrão natal e não têm quem lhes dê. Leva-lhas sim o «Vilaverdense» com o abraço e bênçãos de N. S.ª do Alívio, de cuja Confraria é «órgão».

Não só boas notícias pessoais, acima de tudo, leva as sãs palavras do Evangelho, a doutrina do caminho, da Verdade e da Vida.

Não só nos dá notícias da terra que peregrinamos, mas sim da «Terra Prometida». As parábolas evangélicas, as cartas dos Apóstolos, a vida dos santos pregadas nos nossos púlpitos, as pastorais episcopais, etc., etc., são outras tantas notícias da *Jerusalém Celeste*, e N. S.ª do Alívio está presente nos corações dos filhos amados que, ao receberem o seu «órgão» choram de saudades, de súplica ou de agradecimento. É o manto protector da Virgem a albergar os filhos que a amam e a esperam. N. S.ª do Alívio está satisfeita com a luta desencadeada pelo seu «órgão» na expansão da palavra divina.

Devotos de N. S.ª do Alívio, sejamos os pregoeiros do seu jornal, o defensor da Fé que professamos, o apóstolo do bem.

REIS

É um mimo o calçado



Rua dos Capelistas
87 - 91

Braga

NOTAS DE LISBOA

A PROPÓSITO DE UMA VIAGEM

Com demora de dois dias estive em Fevereiro passado no Minho, província em que nasci e fui criado e portanto onde tudo me é familiar. No entanto, talvez por já há muitos anos não ir lá no inverno, não pude deixar de reparar na chuva que sempre caiu e no conseqüente grau de humidade do ar. O facto, aliás natural, fez-me pensar noutros: e todos eles dão origem às notas de hoje.

Como está averiguado, o Minho é a região da Europa em que mais chove durante o inverno. A média anual das chuvas achase calculada em cerca de 1.300 milímetros, devendo esclarecer-se que semelhante queda pluviométrica se observa também em parte da Galiza. Tal circunstância (aliada a outras, em que sobressai o esforço do agricultor) é que dá à província a produtividade de todos conhecidos, visto os terrenos, sílico-argilosos, serem em geral pobres. A queda e a distribuição das águas, a temperatura e o trabalho, mais do que a natureza agrológica das terras, é que estão, enfim, na base da policultura e da produção minhota.

Estas considerações destinam-se a frisar que o lavrador do Minho é obrigado a um trabalho nem sempre compensado pelos resultados obtidos. O melhoramento do seu nível de vida afigura-se, porém, viável, quer através da técnica, quer mesmo, se necessário, através de uma disciplina de preços. Não me esqueço que em Outubro de 1950, numa cidade do Algarve, paguei 11\$50 por meia garrafa de vinho verde, que não devia ter mais de quatro decilitros. Isto corresponde ao preço aproximado de 28\$00 o litro! Pergunto; quanto teria recebido o produtor? É certo que este foi um caso de pura especulação e que, se eu não estivesse esgotado por um dia de viagem longa e de trabalho, e portanto sem disposição para discussões e conselhos, não teria pago. Mas não há dúvida de que em certos produtos existe um considerável desnível entre o preço na produção e no consumo, nem sempre, creio eu, devido ao retalhista. Ora não se deve esquecer que se o produtor tirar melhor rendimento da sua lavoura, os salários poderão ser outros.

Quanto à técnica julgo abrir-se no Minho um campo largo e prometedor. Em todos estes problemas cabe aos Grémios da Lavoura uma importante missão, visto lhes cumprir «auxiliar os agremiados na colocação e venda dos seus produtos...» e «contribuir pelos meios ao seu alcance para o desenvolvimento económico e aperfeiçoamento técnico da produção agrícola, com o fim de melhorar as suas condições económicas e sociais».

O Governo acaba de tomar uma importantíssima medida com vista à melhoria do nível de vida dos trabalhadores, incluindo os rurais. Refiro-me à proposta de lei sobre o problema de habitação, na qual se acham previstos empréstimos às Casas do Povo para a construção de moradias destinadas aos seus sócios efectivos. Mas não se pode exigir tudo do Governo, pelo que é necessária a colaboração das pessoas e dos organismos interessados.

Estas divagações, sugeridas por uma rápida viagem não me deixaram falar-lhes hoje sobre assuntos propriamente ditos de Lisboa. De resto no momento em que escrevo — terça-feira de carnaval — pouco teria que dizer. Passados os dias de vivo entusiasmo com a visita da Rainha Isabel, que ainda se nota através dos que, nos documentários do cinema e nos programas da televisão procuram rever aspectos dessa visita, nada de especial se verifica.

O Entrudo alfacinha, que em tempos idos deu brado, desapareceu — e ainda bem! Ainda bem porque, segundo esclarecem as crónicas, havia nele muita galanteria mas muita mais violência.

Finalmente, na «Casa do Minho», parece que se esboça um movimento, ao que me dizem e ao que leio, destinado ao aumento do número de sócios e à intensificação da sua actividade. A questão do regionalismo tem sua importância e merece alguns comentários: mas como por agora o espaço já não permite fazê-los, ficarão para outra oportunidade.

MIGUEL DA CUNHA

A varinha de oliveira

Tantos cuidados me deu!

Bem me lembro, bem me lembro
Da varinha de oliveira
Que a minha Mãezinha tinha
Num cantinho da lareira.

Eu às vezes bem ouvia:
«Meu menino tem cautela!...»
Mas só me preocupava
Quando a via na mão dela.

Quando eu ia aos recados
E por lá me demorava,
Era a linda vergastinha
Que por cima trabalhava.

Ou quando ia à doutrina
E lá me punha a brincar,
Voltava a linda varinha
De novo a trabalhar.

Minha irmã bem me dizia:
«Foje meu grande pateta!»
Mas só podia fugir
Quando a porta estava aberta!

Ai minha linda varinha
Eu de longe estou-te a ver!
Bem dizia a minha Mãe:
«Dá saúde e faz crescer».

A varinha de oliveira!
Como eu penso tanto nela
Recorda-me minha Mãe:
«O' menino tem cautela».

Bem me lembro, bem me lembro
Da varinha de oliveira
Que minha Mãezinha tinha
Num cantinho da lareira.

DE SOUSA-GAIO

Bombeiros Voluntários de Vila Verde

O seu pronto-socorro

Continua a Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde, composta por dedicados baírristas e homens de bem, a empregar todos os esforços para dotar o Concelho com uma corporação capaz de fazer assistência a todas as freguesias. Já está em funcionamento a segunda escola de aperfeiçoamento dos bombeiros.

Torna-se indispensável poder acudir a todos os sinistros, mesmo nas freguesias mais remotas; transportar, com o indispensável conforto e rapidez, os doentes, sobretudo os pobres.

Só o pode fazer comprando o seu pronto-socorro. Deve custar, aproximadamente, 140.000\$00. Conta-se que o Estado dê metade desta importância. O restante dinheiro será adquirido por subscrição pública. É para todos.

Oportunamente vão ser constituídas as comissões centrais e uma comissão em cada freguesia, para se fazer a campanha do pronto-socorro. É tudo para o serviço do bem; para os infelizes.

O bombeiro dá a sua vida pela do seu semelhante, por isso não regateia o vosso generoso donativo, que é para estar em condições de vos acudir numa desgraça que possa bater à vossa porta.

Dois vilaverdenses, cujo nome, pedem que esteja, para já, no anonimato, comprometeram-se a dar à Corporação, até ao dia 13 de Junho, as fardas de gala dos bombeiros.

A subscrição para o pronto-socorro foi aberta pelo sr. António Loureiro e sua Esposa D. Amélia Chevalier, de Santa Maria de Prado, com 6.000\$00. O sr. João Lopes da Silva, de Barbudo, concorreu também com 500\$00. E assim a subscrição vai subindo, apesar de ainda não se ter saído para a rua e ainda não se terem formado as comissões. Continuamos a esperar donativos, que podem ser enviados para a Direcção dos Bombeiros de Vila Verde.

A Casa João Luís

DE

João Luís Soares, Sucri., L.da

S. Paio de Merelim -- Telef., 3935

Uma vez mais como nos anos anteriores, esta antiga Casa apresenta durante o mês de Março e Abril aos seus estimados Clientes e Amigos um formidável sortido de casimiras para fatos.

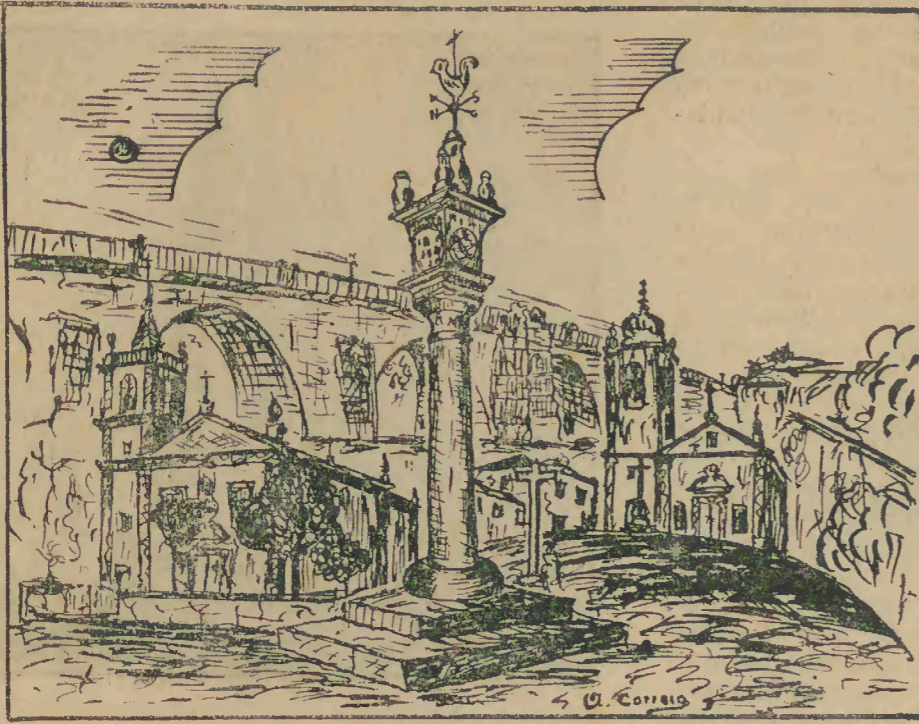
Fios para mulher o metro	19\$50
Fatos fios para homem = 3 metros . . .	85\$00
Fatos em boa casimira = 5 1/2 pura lã = 3 metros . . .	96\$00
Fatos em boa casimira, pura lã, preto = 3 metros . . .	174\$00
Fatos em boa casimira, pura lã, cor = 3 metros . . .	175\$00

Grande sortido em fazendas para senhora também muito baratas

Bons chapéus desde 50\$00
Forros para fatos desde 45\$00

Vendemos tudo ao preço da Fábrica

POR TERRAS DE PRADO



**HÁ 26 QUINZENAS...
NASCIA UMA CRIANÇA!**

Quando do aparecimento deste simpático quinzenário regionalista, foi-me pedido, fazer uma saudação ao nosso Querido Povo de Prado.

Amavelmente aquiesci, pois que saudando e exaltando a minha Querida Vila e o seu Povo, alimento o meu espírito ávido das canções embaladoras do meu Berço de criança, que a mãe natureza tão bem soubera compor, e o meu coração sabe requestrar!

Nascia a criança, com um mundo de incertezas que é a vida, a estorvar-lhe o pequenino cérebro infantil. O caminho da Vitória era o seu alvo, mas a incerteza do triunfo a fizera transpirar de aflicção, quando tentara os primeiros passos.

A crítica, a colaboração, a despesa, eis o problema que se levantava ante o cérebro já não da criança, mas sim dos responsáveis pela sua educação e administração.

Porém, todos os obstáculos foram rompados, e a criança, com o primeiro aniversário à prova, é jovem que traz na alma um mar de esperanças a sorrir a todos, a segregar ao coração de todos a verdade, a justiça, o amor!

É justo pois que hoje, em cuja data se coloca um marco significativo, a minha voz se levante novamente, através desta página, para inalterar as figuras incansáveis do Sr. Director, Cônego Domingos P. da Costa e Silva, do Redactor e Administrador Rev. P.e António Ferreira Peixoto, e dos ilustres colaboradores que são a vida intrínseca do nosso Querido Vilaverdense, que já penetrou além-fronteiras, para levar aos corações devorados pela nostalgia, o pedacito do Solo-Pátrio.

Aos nossos Queridos assinantes, o nosso muito Obrigado, pela maneira como têm correspondido aos nossos apêlos!

E assim, o nosso jovem periódico, acarinhado pelas Dig.ªs autoridades concelhias das duas Hierarquias, educado pela palavra conselheira dos seus ilustre colaboradores, será, no porvir, não a criança, não o jovem que vive de ilusões, mas o Homem cuja idoneidade seja um facto, o arauto da verdade e da luz, o amigo a levar a palavra de conforto ao que sofre, a luz ao que vive nas trevas, a verdade onde reina a mentira, em suma, a fazer do nosso pequenino mundo, um mundo muito maior.

A verdade é que o jornal vive de todos; depende de todos, é de todos e para todos! Saber o que se passa num grande concelho que é o nosso, é dever imposto pela civilização! Os tempos mudam ano após ano, século após século, e a nossa Vila, tão verde como o Prado, não poderia ficar no 2.º sentido da palavra "verde" com uma civilização cujos Filhos seguem de perto. Não. Vila Verde, sabe o que quer.

Queremos pois que o nosso pequenino jornal seja grande num futuro bem próximo, para honra do nosso Povo a quem mais uma vez quero saudar ao finalizar estas humildes frases.

Prado, 10-3-57.

GOTA D'ORVALHO

Parada de Gatim

INDUSTRIAS — É esta freguesia essencialmente agrícola. Os seus habitantes, mais ou menos de aspirações modestas, vivem dos frutos da terra. Exceptua-se um ou outro que, dotado duma certa cultura se dedica à indústria.

Considerado número de operários têm nas indústrias da terra o seu pão garantido, o que é realmente um passo em frente no caminho do progresso.

Os principais ramos industriais são: a cerâmica, a olaria, moagens e lagar de azeite. Vêm já de tempos idos e têm-se aperfeiçoado à medida que apareceram os novos métodos.

Mas, com grande prejuízo para os operários, e portanto para a freguesia, os proprietários das fábricas não podem alargar as suas actividades industriais, pois encontram-se isolados e quase sem via de comunicação (só carro de bois e mal).

Todas as obras feitas nesta freguesia para utilidade pública são todas obra dos nossos benfeitores e, portanto, sem qualquer despesa para a Câmara. Como também

Prado (S.ta Maria)

PRADO, terra das aspirações

Há tempos num dos números de «O VILAVERDENSE» e com a mesma epígrafe, incitava-Vos, bom povo, que como eu tiveste a ventura de nascer ao som marulhante das águas do Cávado, à organização de um grupo folclórico.

Creio que não foi no deserto que souu a minha palavra. A este canto longínquo, onde o dever profissional me transportou, chegou já o feliz rumor de que a primeira semente fora lançada.

Um dos meus queridos conterrâneos, de quem já tudo era de esperar, e Senhor Manuel Ferraz Peixoto, oferecerá, enquanto não estiver concluído o Salão Paroquial, casa para os ensaios, custeará estantaria e bancos, bem como toma a seu cargo a escolha do Maestro, para cujas deslocações porá o seu carro ao dispor.

O Senhor Vieira, cuja boa vontade em bem ser-

pagamos as nossas contribuições de Imposto de Trabalho é justo que o possamos ver aplicado em benefício da nossa terra.

Um caminho vicinal desde o lugar de Agrelo em direcção à Fábrica de Cerâmica do sr. Domingos de Sousa Fernandes, a mais antiga desta freguesia, viria servir as olarias do lugar do Poço, as moagens e o lagar de azeite e portanto contribuir para a segurança do braço operário, que se vêem em riscos de ficarem sem trabalho.

Apelamos para a Junta desta freguesia, constituída por elementos cheios de brío, bom gosto e bairrismo para se embordarem do Ex.º Sr. Presidente da Câmara, que muito tem feito pelo nosso concelho e conseguirem o subsídio desejado.

DOENTES — Foi acometida por doença súbita no dia 24 de Fevereiro, a sr.a D. Carolina de Sousa Fernandes, esposa do sr. Adriano da Cunha, ilustre presidente da Junta. Foi transportada urgentemente ao Hospital de S. Marcos, de Braga, onde ficou internada em estado bastante grave. Parece já estar melhor, felizmente.

Esperamos o seu rápido restabelecimento e que venha depressa para junto de seu marido.

ANIVERSÁRIOS — No dia 1 do corrente festejou o seu aniversário o nosso amigo João Augusto Ribeiro Barbosa, estudante da Escola Comercial e com pretensões à Escola da Aviação. Sendo sasim poucas vezes o teremos por cá, pois andar sempre "aéreo", pilotando aviões "por jacto".

— No dia 3 comemorou o seu aniversário natalício a galante menina Glória da Cunha Barros, pertencente a uma distinta família.

Fazemos sinceros votos porque esta data se repita por muitos anos, jovens amigos!

COLOCAÇÃO — Foi nomeado nos termos do art. 9.º e da segunda parte do art.º 19.º do decreto lei n.º 36.155 de 10-2-47 para o lugar de Carteiro Central de Reserva o nosso amigo Augusto de Araújo Gonçalves Murça.

Finalmente chegou a sua já há muito esperada colocação. Parabéns.

BAPTIZADOS — Foi baptizado na igreja desta freguesia um filhinho do sr. Belarmino Correia, e da sr.a D. Maria Pereira Gonçalves a quem foi dado o nome de Jazzelino.

— No dia 24 de Fevereiro baptizou-se a menina Felicidade, filha do sr. Mário de Araújo Duro e da sr.a D. Lipordina de Araújo Gonçalves Murça.

IMIGRAÇÃO — Com destino ao Brasil embarcou no dia 12 de Fevereiro o sr. António da Silva Dantas, a procurar satisfazer as suas aspirações. Assim o esperamos! — (C.).

vir Prado é já bem patenteada, tendo acolhido bem a sugestão estará ao nosso lado.

Espero que, para a próxima, mais informações me sejam dadas, para daqui, deste sórdido lugar onde me encontro, possa, já que com a minha presença é impossível, prestar em tão graciosa obra, por intermédio de «O VILAVERDENSE», a minha humilde colaboração.

X.

Aniversários

Completaram, no passado dia 5 do corrente, as suas 18 primaveras, as prendas filhas do sr. João Aparício de Oliveira, meninas Maria do Sameiro e Maria Clarinda da Silva Oliveira.

Os nossos parabéns, e que Deus lhes prolongue a vida por longos e felizes anos.

Partida

Há dias, partiu para o Brasil o nosso amigo António Cerqueira Peixoto, estimado membro da J.O. C. de Prado.

Desejamos-lhe uma ótima viagem e que continue, nas terras de Santa Cruz, a sua vida exemplar.

Casamento

No pretérito dia 3 do corrente, realizou-se na Igreja Paroquial desta Vila o enlace matrimonial do Sr. Armando Soares da Silva, de Vila Verde, com a Sr.a D. Maria do Céu Martins Alves, distinta enfermeira da Casa da Misericórdia de Vila Verde, onde, pelo carinho e afabilidade com que tratava os doentes, deixara bem vinculada a saudades!

Filha do Sr. Domingos Alves Balugães e da Sr.a D. Rosa Martins Balugães, gozava da simpatia de todo o povo da Vila.

Dignou-se abençoar este enlace, o Rev.do P.e Avelino dos Santos Antunes, professor no Seminário de N. S.ra da Conceição em Braga, o qual em momento próprio, dirigiu a palavra aos noivos, fazendo-lhes ver a grandiosidade do casamento.

Apadrinharam este gracioso-himeneu, o Snr. Dr. Bernardo de Brito Ferreira, Médico e o Snr. António da Siiva, comerciante em Vila Verde.

Assistiram ao ceremonial como convivas muitas figuras de destaque das duas Vilas, entre elas o Snr. Dr. Bernardo de Brito Ferreira e Ex.ma Esposa, Snr. Dr. Francisco António Gonçalves, Snr. Anselmo Vilela, Snr. Francisco José Faria de Lira, Snr. Anibal Peixoto e Esposa, além de outras que do lugar onde estávamos não nos foi possível reconhecer.

Aos noivos os nossos sinceros parabéns, e as maiores venturas para o Lar que vão constituir.

Oleiros

Baptismos — Na nossa igreja paroquial foram baptizados no dia 3 do corrente com o nome de Joaquim o primogénito de João Ferreira de Faria e Maria Adília Correia Gomes, e com o nome de Maria Cristina Barbosa Marques outro filhinho de João Rodrigues Marques e Deolinda da Costa Barbosa.

Óbito — No dia 23 voou ao céu o inocentinho de dezoito meses de idade, filho de José Fernandes Pereira e Emília Lopes Fernandes.

Novos assinantes — Deram ao «Vilaverdense» a honra de se inscreverem como assinantes: Manuel de Faria, ausente no Brasil, e que já pagou adiantadamente a assinatura como todo o bom assinante costuma e deve fazer, e José Crujeira, que dentro de breves meses se ausentará de novo para França.

Aniversário — Completando no próximo dia 19 o primeiro ano da sua vida o nosso querido jornal de N. S.ª do Alívio, denominado «O Vilaverdense» deste cantinho lhe desejamos muitos e prósperos anos de vida.

Mês de S. José — Todos os dias, desde o início deste bedito mês, se está a celebrar na nossa igreja, como nos anos anteriores, assistindo muitos dos verdadeiros devotos deste Grande Santo. — C.

Escariz—Março, 12

Mordomos da Cruz — Foram eleitos os novos mordomos da Cruz, para este ano: em S. Mamede, os srs. António Pereira Vaz e José da Silva. Em S. Martinho, os srs. Dário de Oliveira Barbosa e José da Costa Barros. Já foi feita a entrega da Cruz como é praxe antiga nestas freguesias.

Emigração — Continua o êxodo para o estrangeiro da mocidade destas terras. Uns chamam os outros. Quando tal não se encontrará um caseiro para cultivar uma propriedade, nem um jornaleiro para o trabalho da lavoura por melhores condições que se ofereçam.

Electrificação das freguesias rurais — Damos o nosso inteiro aplauso às considerações do sr. Lúcio Maia no seu artigo sobre este importantíssimo problema, publicado no último n.º de «O Vilaverdense», e fazemos nossos os seus votos. Ao menos, esse mínimo de uma estrada transitável, a luz eléctrica e um telefone.

Arranjo de caminhos — É merecedora dos melhores elogios a Junta da Freguesia de Marrancos pelo seu zelo no arranjo dos caminhos da paróquia. É assim mesmo. O povo colabora sempre nestes melhoramentos quando têm à sua frente uma Junta que se interessa pelo bem-estar da freguesia e trabalha. Também digo como o solícito correspondente — parabéns à Junta de Marrancos.

Gatunagem desenfreada — Bastantes pessoas se nos têm queixado de que a gatunagem anda desenfreada por estas freguesias. Galinhas, coelhos, roupas, ferramentas, batatas, cereais, frutas, dinheiro... tudo lhes serve. Não é necessário que estas coisas estejam mal acauteladas, vai-se

até ao arrombamento das portas ou entradas.

É indispensável que a patrulha da G. N. R. apareça, amíudadas vezes, por estes sítios.

De viagem — O sr. Francisco José da Silva foi até Lisboa assistir ao embarque de sua filha e genro — Izilda de Sousa e Silva e Manuel da Silva que seguiram no «Vera Cruz» para o Rio de Janeiro, como já foi noticiado — C.

Cabanelas em festa

DOMINGO, 10-3 — Passou hoje, esta freguesia um dos maiores dias e mais felizes da sua vida.

Logo, de manhã cedinho, se notava nos rostos de todos os conterrâneos, garbosamente vestidos com os seus fatos domingueiros, uma alegria e satisfação como raras vezes temos a ventura de observar. Viamos aqui e além jovens e donzelas atarefados no arranjo da via de acesso à igreja que, digámo-lo com prazer, nos satisfazia plenamente. Entre outros passos, o que mais nos agradou foi o grandioso arco da Sagrada Família, colocado à entrada do adro.

O dia esteve maravilhoso, não obstante o anterior se ter mostrado de muito mau humor e como que a desfazer as nossas esperanças e as nossas alegrias com uma tão linda festa.

Como estava no programa, começou por uma procissão de sete formosos andores, saindo da igreja paroquial, às 10 h, em direcção à casa do grande benemérito David de Oliveira dos Santos que ofereceu uma linda imagem de S. José.

Pelas 11 h, começava a Missa solene, acolitada, estando a parte coral confiada ao grupo dos cantores desta freguesia. No momento da homilia, subiu ao púlpito o Rev. Pároco de Marrancos, P.e Alberto Cunha que nos encantou com as suas palavras, falando-nos do grande Patriarca S. José.

A tarde, pelas 15 h, começava a adoração do SS.mo Sacramento solenemente exposto, subindo novamente ao púlpito o mesmo orador da manhã para nos deliciar com a bela exposição da vida de S.ta Eulália, nossa padroeira. No final da Adoração, põem-se, mais uma vez, os andores em marcha, agora já em número de oito, seguindo a via principal da freguesia, ladeada de inúmeras pessoas que tinham acorrido para presenciarem tão encantadora festa.

Difícilmente esqueceremos tão lindo dia.

Não queremos terminar sem agradecer ao sr. David de Oliveira dos Santos que teve tão feliz lembrança e, com este gesto tão lindo, nos dá a esperança de continuar a estimar, cada vez com mais carinho e amor, a nossa igreja paroquial — C.

Moure

CASAMENTOS

Durante o corrente ano e o mês de Fevereiro houve os seguintes casamentos:

No dia 9 Francisco Moreira de Castro com Rosa de Oliveira Gomes; em 23 João Fernandes com Maria do Rosário Barros de Faria; e em 24 o de António de Sousa Pinheiro com Júlia da Piedade Dias dos Santos.

FALECIMENTO

No dia 9 do corrente, faleceu no Hospital de S. Marcos, onde estava em tratamento, o senhor José Lopes Esmoriz do lugar da Mó, desta freguesia.

O finado contava 56 anos de idade e era casado com a Senhora Maria do Rosário Pinheiro e deixou 7 filhos, sendo 3 filhas e um filho, casados e os restantes 2 filhos e uma filha menores. Era presidente da Junta de freguesia e um dos maiores negociantes de gado, muito considerado nesta freguesia e em todas as feiras que frequentava.

O funeral realizou-se no passado dia 11, pelas 9 horas, com ofício de corpo presente na Igreja paroquial desta freguesia, sendo muito concorrido. Tinha recebido os últimos Sacramentos na quarta-feira de Cinzas. — C.

Desenvolvimento económico de Vila Verde

Reportagem dedicada às melhores Casas comerciais e industriais de Vila Verde

Apesar do Concelho de Vila Verde ser essencialmente de estrutura agrícola, e ainda de a Sede não ter mais do que cento e um anos, contudo nota-se, nos últimos anos, um certo progresso económico, nesta Vila, no campo comercial e industrial.

Não é aquele desenvolvimento, que todos desejaríamos, para absorver a sua superpopulação, a quem a lavoura não pode garantir às necessárias condições de vida.

Este desenvolvimento encontra dificuldades de vulto, devido a muitos factores; por isso, são dignos dos maiores encômios todos os que têm tentado esse progresso à custa de muitos sacrifícios.

Camionagem há uma única neste Concelho, de transportes colectivos, de António Prazeres da Silva. Só pelo seu esforço conseguiu criar esta empresa, que hoje é de grande valor também para excursões.

Pastelaria Bar Vila-verdense — Tem a Sede uma Casa que a honra, onde se pode entrar com decência. Fabrica esmeradamente todo o doce. Já tem servido em festas de grande responsabilidade com total agrado. Na próxima Páscoa, vai mostrar ao Concelho como se serve pão de ló e os melhores doces a preço económico. O seu técnico Alfredo de Oliveira trabalhou nas melhores casas de pastelaria de Lisboa.

Serralaria — Outra indústria que está a começar a criar nome no Concelho e fora dele. Entre as suas diversas actividades, inventou um novo fogão em ferro, tejo, guarnecido a mosaicos e azulejos, funcionando a lenha ou a serrim, que é uma autêntica revolução. Esta indústria continuando assim a progredir deve vir a dar largo nome. Está de parabéns o sr. Domingos Alves dos Santos.

Mercearias — A Sede de Vila Verde está bem servida de Casas que primam no abastecimento de géneros, tanto dos mais comuns como de mercearias finas. Os Vila-verdenses não precisam de sair da sua terra para se abastecerem, porque os seus comerciantes sabem escolher em quantidade e qualidade.

São, sem dúvida, as melhores mercearias as de Constantino Vilela, Casa Peixoto, Casa Santos, Joaquim Silva, Viúva Joaquim Manuel da Silva, Casa Fonte Limpa e Casa Fernando Pedrosa.

Armazém de Mercearias — Não só as mercearias da Vila, mas ainda as do Concelho, encontram no armazém de mercearias de Vila Verde, criação arrojada de

José Maria Silva, que quase miraculosamente conseguiu fundá-la em tempos difíceis, um grande auxiliar em bem abastecer com os melhores géneros. Tem junto a agência da Viação Auto Motora e Transportes Mecânicos, e o Serviço Central de Despacho dos Caminhos de Ferro.

Padaria — Temos na Padaria do sr. José Peixoto uma casa que, pelo seu bom fabrico, pelas suas primoras instalações, não deixa Vila Verde em situação de inferioridade com os meios populacionais mais desenvolvidos.

Representações Bancárias — São cuidadas as representações do Banco Pinto & Sotto Mayor, Ultramarino e Borges & Irmão, feitas por Constantino Vilela, e as dos Bancos Espírito Santo, Comercial de Lisboa e Português do Atlântico, feitas por António Fernandes.

Pichelaria e canos — Se quer fazer qualquer instalação de pichelaria encontra bom técnico em António Pinho — Vila Verde. Na fábrica de canos de cimento de António Marques da Silva, terá canos de cimento comprimido para condução de águas, esgotos, para todas as elevações.

Armazém de azeites — Possui a Sede e o Concelho um armazém de azeites que muito honra o seu proprietário, sr. Fernando Pedrosa. Ao seu dinamismo se deve um bom abastecimento nos períodos difíceis da carestia do azeite, por isso é digno de toda a preferência.

Tecidos e Casas de Fazendas — Neste sector comercial, a Vila tem tido um franco progresso. As suas Casas da especialidade têm quantidades apreciáveis dos melhores tecidos de algodão, lã e seda, de modo que satisfazem todos os gostos, a preços sem competência.

São dignos de especial menção: Casa Peixoto, Casa Santos, António Ramos, V.ª de Joaquim Manuel da Silva, a Minhotá de João Carlos G. Machado e Arlindo Soares de Sousa.

Pensão — A Casa Nova é uma Pensão distinta, para onde famílias escolhidas vêm veraneiar. Ambiente escolhido, com serviço de festas. Recebe hóspedes diários ou só para algumas refeições. Preços económicos.

Fábrica de Tecidos — Encontra-se a funcionar, em Sabariz, Vila Verde, a primeira e única Fábrica de tecidos e algodão. O seu fabrico é perfeito e executa todos os trabalhos. Pertence à firma João da Silva Pereira, que a fundou para o progresso industrial do Concelho, num período em

que esta indústria atravessa grave crise. Os comerciantes e feirantes do Concelho lucrariam muito em visitar esta fábrica. Dela pode surgir, no futuro, uma das grandes esperanças para o desenvolvimento industrial e melhoria económica de Vila Verde.

Fábricas de Serração — A' volta da Vila existe já um regular aglomerado de fábricas de serração, que, além de dar o sustento a muitas famílias, contribui para a melhoria da lavoura, pela compra, a melhores preços, e mais comodamente, dos pinhais, o que tem sido, nestes dias difíceis, a economia do lavrador. A Fábrica de Sabariz, da firma João da Silva Pereira, a de Bento José dos Santos Morais, em Revenda, e a de Arnaldo Rodrigues, em Barbudo, honram a iniciativa dos seus proprietários.

Construção Civil, adubos, sementes, máquinas agrícolas, Motores de Rega e industriais — A Casa Santos, do Bom Retiro é verdadeiramente o empório agrícola do Concelho de Vila Verde. Representa a Cuf no Concelho de Vila Verde e as melhores casas fornecedoras da lavoura. Nos seus amplos armazéns, a lavoura encontra tudo quanto necessita.

Os construtores civis encontram também todos os materiais.

Casa representante dos melhores grupos de rega, com Motores e bombas do melhor fabrico nacional e estrangeiro. Não vende motores usados nem Motores ou bombas que não mereçam completas garantias.

A Casa Santos é simbolizada pela honestidade — Motores a gazoil, petróleo e eléctricos. Do Gazcidla vende fogões, aquecedores, aparelhagem de iluminação e botijas abastecedoras.

Material eléctrico — A Casa de Manuel Rodrigues, em Vila Verde, está sempre bem abastecida de todos os materiais indispensáveis às instalações eléctricas. Encarrega-se de instalações novas, reparações. Vende candieiros, aquecedores, rádios. Em pouco tempo, faz requisições com grandes descontos de todo o material e aparelhos eléctricos que se pretendam, para montagens mais amplas.

Novo lugar de azeite — Mais uma iniciativa que a lavoura do Concelho de Vila Verde vai contar. O sr. Bento dos Santos Morais, dos maiores lavradores e industriais do Concelho, homem que se elevou a si mesmo, pelas suas qualidades excepcionais de trabalho e de persistência, vai montar, dentro de breve tempo, no lugar de Revenda, junto da sua fábrica de serração, um moderno lugar de azeite. Assim a lavoura terá onde fazer o seu azeite, por sistema moderno, higiénico, mais produtivo, rápido e económico, sem ter de recorrer aos Concelhos vizinhos.

Fotografias — Mesmo na arte fotográfica a Casa Minhotá de João Carlos G. Machado, no Campo da Feira, apresenta todos os serviços da especialidade, desde fotografias para cartões de identidade até re-

velações de filmes e ampliações.

A Casa de Arlindo Soares de Sousa & Irmão, também executa fotografias, tendo grande especialidade de reportagem fotográfica de festas, comunhões solenes, casamentos, etc.

Alfaiataria — José Luciano de Sousa, possui um salão de alfaiataria, onde além de fornecer os tecidos das melhores qualidades, executa os trabalhos com rara arte e a preços verdadeiramente económicos. É a casa preferida por todos que se presam de andar bem vestidos.

Papelaria — Recentemente a Papelaria Raiilha, nosso agente do jornal «O Vila-verdense», passou por uma verdadeira transformação de boas instalações e de modelar sortido.

Aqui se encontram todos os bons livros didácticos e cultura; boas revistas, jornais diários, desportivos, tudo quanto precisa para o seu escritório. Encaderna também livros em forma luxuosa ao vulgar. Secção de livros religiosos.

A Casa Custódio Vilela também tem largo sortido de papelaria.

Fornecimento de gasolina, gazoil e óleos — O sr. Francisco da Costa Matos apresenta no Campo da Feira de Vila Verde, instalações bem montadas de fornecimento de combustíveis para automóveis e camionetas, e óleos de lubrificação, com aparelhagem de verificação e regularização de ar nos pneus e distribuição de água.

Talho moderno — António Fernandes do Lago conseguiu modernizar o seu estabelecimento de talho de carnes verdes, dotando-o com toda a higiene. Está a preparar a montagem de um frigorífico.

Diversas máquinas — Em máquinas de costura, temos a Casa de Arlindo Soares de Sousa, agente das afamadas Husqvarna; rádios e máquinas fotográficas, a mesma casa é agente das melhores marcas.

Em Rádios temos como agentes a Casa Santos, Manuel Rodrigues e Arlindo Soares de Sousa.

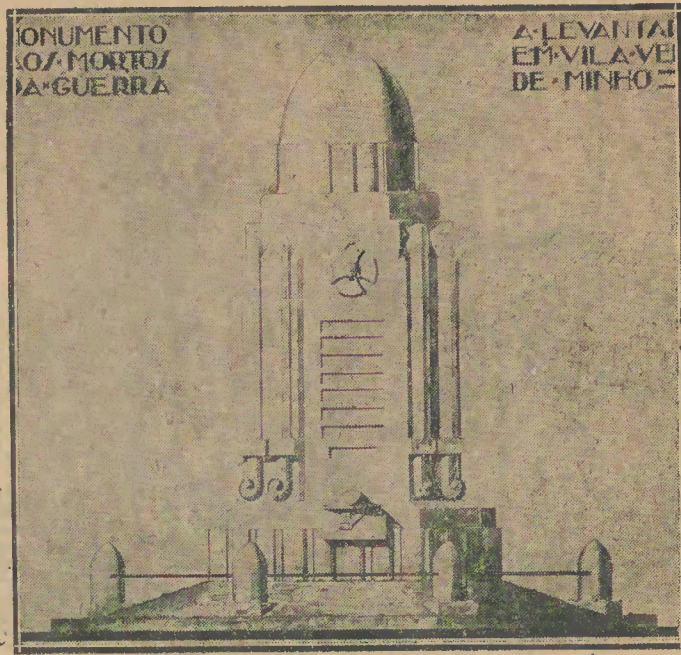
Tabacos e fósforos — São distribuidores Constantino Vilela e José Santos.

Lemos, numa reportagem, uma resenha do desenvolvimento comercial e industrial de Vila Verde. Não há dúvida de que a nossa terra tem pessoas que procuram dotá-la com todos os fornecimentos indispensáveis à vida moderna.

Fazem maiores sacrifícios do que os comerciantes dos grandes meios, porque as vendas são em menor número. É necessário que desapareça a impressão falsa de que fora de Vila Verde encontram melhores mercadorias e os melhores preços. O comerciante e o industrial de Vila Verde procuram servir melhor, porque pretendem arranjar mais freguesia e porque está a viver ao lado do seu freguês, e sujeita-se muito mais nos preços baixos.

Comprar nos estabelecimentos que anunciam no nosso jornal «O Vila-verdense» é ter a certeza de ser bem servido, porque o nosso jornal, como não é movido pelos interesses de arranjar dinheiro, mas sim de servir uma causa — a dos princípios católicos e da região, não aceita anúncios em que não haja honestidade.

DE VILA VERDE



A nossa Câmara Municipal

pensa no progresso desta Vila — SEDE DO CONCELHO

Conversámos há dias com o nosso presidente da Câmara Municipal, sr. Dr. António dos Santos Ferreira, e verificámos, mais uma vez, que, com os vereadores seus auxiliares, pensa a sério no progresso desta Vila.

Infelizmente vê-se manietado pelo célebre plano de urbanização, que está a ser elaborado há quase uma década de anos, não atando nem desatando, mas que, no momento próprio, aparece para quebrar qualquer iniciativa.

Evidentemente que um meio pobre, como Vila Ver-

só para expropriações de terrenos eram precisas umas centenas de contos, quando os terrenos da Feira são mais que suficientes para largos. E assim a Câmara nada pôde fazer. Organizou a Câmara um plano de arranjo das ruas da Vila e seus passeios; de Lisboa disseram que não podia fazer-se, porque ainda não existia o plano de urbanização.

Há na nossa Câmara a melhor boa vontade, mas porque os urbanistas dependem de outras entidades, não tem remédio senão esperar para dias que virão não se sabe quando.

Felizmente que ainda há algumas iniciativas que escapam ao plano de urbanização.

Pensa a Câmara em completar a iluminação pública da Vila, com candieiros e a luz fluorescente, o que dará um lindo aspecto à Vila. Disse-nos o senhor Presidente que essa obra está para breve.

Também conta com a participação do Estado para a construção da ponte de ligação de Vila Verde a Amares, nas Neves. Tem procurado valer a todas as influências, porque é uma das maiores aspirações desta Vila. Estreitará as relações comerciais entre Vila Verde e Amares, e atrairá para as margens do Homem, onde vai ser lançada a ponte, muitos turistas, visto o local ser lindíssimo, para acampamentos e passeios.

Não podemos duvidar da boa vontade da nossa Câmara. É necessário que as entidades oficiais desencantem o plano de urbanização, já pensado há uma dezena de anos, e que, por isso teve tempo para estar numa das sete maravilhas do mundo. Assim a nossa Câmara saberia o que pode realizar, sem sofrer os dissabores que teve com os projectos do coreto, mictórios e arranjo dos arruados e passeios.

Esta secção de «O Vila-verdense», ao completar o primeiro ano, agradece à Ex.ª Câmara Municipal, especialmente aos senhores Presidente e Chefe de Secretaria, todas as atenções que lhes tem merecido no exercício da missão deste jornal.

Da sua parte, parece que soube corresponder a tanta gentileza, procurando transmitir todas as iniciativas e deliberações camarárias com espírito de correcção, de integridade e de colaboração para os ajudar a bem servir o Concelho de Vila Verde.



Dr. António dos Santos Ferreira

de, não pode arcar com as burocracias próprias dos grandes meios.

Só com muito boa vontade pode conseguir-se estimular os particulares a fazer construções ou a melhorar as existentes.

Aparecendo as burocracias, os que têm meios fogem com os seus empreendimentos para os centros de maior rendimento, e os que têm poucos meios nada podem fazer.

No senhor presidente e seus vereadores, encontra-se sempre a melhor das boas vontades; porém não basta, porque o plano de urbanização é preciso que seja desencantado para se saber o que se pode ou não fazer.

Isto pouco depende da nossa Câmara; é preciso que as entidades próprias quebrem o marasmo. Assim, pensou-se numa obra ainda há pouco tempo, a Câmara resolveu fazer um coreto com mictórios subterrâneos — uma obra utilíssima — localizou-a no Campo da Feira, veio o urbanista localizou-o dentro dos terrenos, na retaguarda das casas que se encontram junto do edifício municipal. Quer dizer,

Vai a Vila Verde?... Não se esqueça de visitar a

Pastelaria Bar Vila-verdense

Grande sortido de pastéis e doce fino. Serviço especial para Casamentos e Baptizados.

Vinhos da Região Bolos de Anos

Pão de ló desde 30\$00

Campo da Feira — Vila Verde

Lede. e propagai "O Vila-verdense"

Empresa de Camionagem
DE
António Prazeres da Silva
em Vila Verde

com carreiras diárias entre Vila Verde e Braga

Serviço de excursões com quanto camionetes, sendo duas de grande comodidade e muito modernas, a gasoil.

Preços excepcionais: Consulte esta Empresa para os seus serviços de excursões, especialmente para Fátima, Lisboa e S. Bento

Será bem servido, com motoristas experimentados e bom material

Pastelaria - BAR VILAVERDENSE

Não deixe de visitar, em Vila Verde a

Pastelaria - Bar Vilaverdense

Encontra aí toda a espécie de doçaria fabricada com esmero. Tome aí as suas merendas, com doce fabricado sem preparos prejudiciais à saúde, e com vinhos regionais, finos e espumosos das melhores procedências e a preços especiais. Tem serviços muito bem organizados para festas, casamentos e baptizados

Senhores Mordomos e Párocos, têm nesta pastelaria ótimos doces, **Pão de Ló** para as Festas da Páscoa, com descotos especiais

GERENTE TÉCNICO

Alfredo Soares de Oliveira

Domingos Alves dos Santos

Serrelharia verdadeiramente moderna, em Vila Verde, com soldadura electrogénio e autogéneo.

Inventou um moderníssimo

FOGÃO A LENHA E A SERRIM

muito bonito, fabricado com ferro, tejos e mosaicos, com montagem exclusiva da sua casa. Tem já dezenas deles montados em todo o País.

Marque lugar para a construção do seu fogão, porque tem muitas encomendas

Fabrica ferros forjados, latadas, portões, ferragens para carros etc.

Constantina Vilela

Vila Verde

Armazém distribuidor de Tabacos

e Fósforos, Papelaria e Objectos

de Escritório

Correspondente dos Bancos Pinto & Sotto Mayor, Ultramarino e Forges & Irmão

Mercearia especializada com artigos finos

Todos os artigos desta Casa são bem escolhidos para bem servir

CASA PEIXOTO

(V.a de João António de Araújo & C.a)

DE

António Fernandes

Vila Verde

Vende tecidos de lã e algodão de toda a espécie.

Tem sempre grandes sortidos em armazém das melhores procedências, para todas as estações.

Mercearia e Correspondente dos Bancos: Espírito Santo, Comercial de Lisboa e Português do Atlântico.

Armazém de Mercearia

DE

José Maria da Silva

Campo da Feira — Vila Verde — Telef. 7128

Fornecimento de todos os géneros especiais. Grandes estoques em depósito

Representante dos acreditados vinhos «Messias e Cerveja Cristal»

As melhores mercearias do Concelho são servidas por este Armazém

Agente da Viação Auto-Motora e Transportes Mecânicos

Despacho Central dos Caminhos de Ferro

Padaria Peixoto

DE

José Peixoto

Vila Verde

Telef. 7125

PÃO TRIGO E MILHO do melhor fabrico mecânico, com óptimas instalações cheias de higiene

Fornecedor das principais casas do Concelho

Roscas, sêneas, pão coado. Pão especial para festas.

CASA SANTOS

DE

V.a de Joaquim José dos Santos

Largo do Bom Retiro—Telef. 7138—Vila Verde

Mercearias, Fazendas, Vinhos, adubos químicos, Ferragens, Rádios, tabacos por junto, artigos eléctricos, pólvoras, drogarias, sanitárias, vidros e miudezas

Agência da Companhia de Seguros Sagres

Artigos de Caça e Pesca

Tubos de cimentite, cimento, ferro. Armazém de sal, cal, cimento, tejo, telhas e de todo o material de construção. Agente do Gazcidla

CASA SANTOS

Bom Retiro

VILA VERDE

Motores de rega e industriais. Aproximarse o período das regas. Vá preparando a compra do seu grupo de rega com motor e a bomba das melhores qualidades e preços

Aqui encontra motores a petróleo, a gasoil e eléctricos, de todas as qualidades e potências. São o Atz, Wisconsin, Efaceca, Jape, Viliers, etc.

Escolhe-lhe o melhor motor e bomba, dirige-lhe a instalação a preços excepcionais, mas sempre com o melhor material

Procurar esta Casa é ser bem servido

João da Silva Pereira

Sabariz — Vila Verde

Fábrica de Serração No lugar do Arinho com grandes estoques de madeiras de pinho, castanho e eucalipto.

Fábrica de Tecidos de Algodão, com fabrico de tecidos de todas as qualidades, com a maior perfeição.

Visite esta fábrica, que honra o Concelho de Vila Verde

Bento José dos Santos Morais

S. Pedro de Esqueiros

Vila Verde

FÁBRICA

DE

SERRAÇÃO

EM REVENDA

Lagar de azeite

Tem em montagem, no mesmo lugar de Revenda, uma moderna instalação de

Lagar de azeite

com instalação eléctrica, para servir a lavoura do Concelho de Vila Verde, de modo que não precise de recorrer a outros concelhos para a feitoria do azeite

António Ramos

Vila Verde

Casa bem sortida de Lanifícios, fazendas

brancas, miudezas, guarda-sóis, chapéus, cal-

çado, ferragens, vidros, mercearia e vinhos

Manuel Rodrigues
Vila Verde

Instalações eléctricas de luz e força motriz, em todos os géneros

Motores, Grupos electro-bombas, candieiros e todos os artigos eléctricos

Casa bem sortida

António do Nascimento Pinho

Vila Verde

Oficina de Picheleiro e funilaria

Executa qualquer montagem de canalizações, em cozinhas, quartos de banho, abastecimento de água, etc.

Arnaldo Rodrigues

Sabariz

Vila Verde

Fábrica de Serração

junto da Sede do Concelho, com madeiras das melhores qualidades.

Entrevistando o Snr. P.^o António Ferreira Peixoto

a propósito da construção da NOVA IGREJA PAROQUIAL DE PRADO

Já é velha a aspiração dos Pradenses quanto à construção de uma nova Igreja Paroquial dado que a actual não chega para as exigências da sua população que é excepcionalmente Católica. Não é só o facto de não chegar para a sua população como, também, a localização da actual que fica situada num dos extremos da freguesia — para Poente — no lugar da Vila onde em tempos idos estavam instaladas as repartições públicas do Concelho. Lembremos aos nossos leitores de que Prado foi sede do Concelho e que foi suprimido por Decreto de 24 de Outubro de 1855. Talvez já o sabiam, mas aqui fica a lembrança. Deixemos o passado e falaremos no presente e no futuro. A nova Igreja era, de facto, uma velha aspiração dos Pradenses, mas essa aspiração foi impulsionada pelo Rev. Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva que devotadamente vem dedicando todos os seus esforços para que a construção da nova Igreja seja uma realidade nos nossos dias. E, assim é. Praticamente estavam a ser morosos os preliminares que dariam início aos primeiros trabalhos. Felizmente chegou o ponto de partida e de chegada. De partida porque é com orgulho e satisfação que damos a conhecer aos nossos leitores que dentro em breve se dará início ao lançamento das primeiras pedras para a construção da nossa nova Igreja. De chegada, porque ao incremento dado ao que acabamos de relatar se deve ao incansável P.^o António Ferreira Peixoto que em boa hora Deus quis que viesse para junto de nós e ao mesmo tempo auxiliar seu tio.

Para melhor elucidarmos os nossos leitores da grandiosidade da obra a construir visto não possuímos os elementos necessários e indispensáveis, resolvemos entrevistar o Rev. P.^o António Ferreira Peixoto e, para isso, resolvemos deslocar-nos à Residência Paroquial, certos de que nos dispensaria franco e leal acolhimento. Assim foi. Cerca das 21 horas chegámos à Residência Paroquial. Batemos à porta. Boa noite. O Snr. P.^o António está? Vou ver. De momento e talvez porque lhe tivessem dito quem o procurava, apateceu-nos prontamente. Os cumprimentos da praxe, já se vê, e entrámos.

— Então, que há de novo?

No seu gabinete de trabalho, onde nos pôs à vontade, respondemos à pergunta que nos havia feito e dissemos o fim que nos havia ali levado. Houve de momento da sua parte um pouco de reflexão, mas sempre anuiu ao nosso propósito. A entrevista.

E então começámos por perguntar:

— Como nasceu a ideia?
— A ideia de construir uma nova Igreja que satisfizesse, plenamente, às grandes necessidades desta populosa freguesia já não é dos nossos dias. Conversando com o Sr. Abade, acerca deste ponto, dizia-me que, mesmo antes da implantação da República Portuguesa, se pensava na sua construção. Como prova, relatou-me o facto de, logo que deu entrada nesta freguesia, ser cumprimentado pelo então pároco de Soutelo, que contava: «eu também já fui pároco desta freguesia de Prado, sentia-me muito bem e o povo estava muito contente comigo. Mas, como me tinham prometido mudar a igreja e me faltassem à palavra, desgostei-me e tomei conta da vizinha freguesia de Soutelo, que estava a concurso».

Informou-me também o Sr. Abade de que, em tempos idos, lhe dizia o falecido Abade da Loureira: «foi uma asneira o Sousa Lima fazer a capela-mor da igreja actual. Era uma ocasião boa para se construir a nova».

O falecido Snr. José Lopes Ferraz, que legou o terreno para a nova Igreja, e pena foi não durar mais alguns anos que iria dar mais uns 100 ou 200 contos, dizia que o seu tio, de quem herdara os seus numerosos capitais e grandes propriedades, lhe ordenara para tirar um orçamento para se começar a construção da mesma Igreja. (Por aqui se vê como esta importante obra está ligada à família e herdeiros do Snr. Lopes Ferraz, dos quais muito esperamos).

E' de notar um facto

interessante. Todas estas pessoas que falavam na construção da nova Igreja, já se inclinavam também para que o local fosse o mesmo que nós escolhemos.

Perante isto, veja se alguém se pode opor à realização de tão grandiosa obra. Aquele que tivesse a temeridade de tomar tal atitude daria provas de ser de um espírito tacanho, de não ver dois palmos à frente dos olhos e de não estar à altura de acompanhar o progresso que em todas as fases da História se verifica.

— O local onde se encontra a actual Igreja não satisfaz?

— Não é propriamente por causa do local que pretendemos construir a nova Igreja.

Sob o ponto de vista de agradar ou deixar de agradar, não poderemos dizer grande coisa, porque, para nós, todos os lugares são bons e não podemos estar a fazer comparações nem mostrar preferências por este ou por aquele. Como sabe, a freguesia é como uma grande família, da qual o pai comum é o Pároco. E como um pai, quando alguém lhe pergunta de qual filho gosta mais, responde que gosta de todos, assim também o fazer-me esta pergunta é obrigá-lo a responder-lhe que para mim qualquer local da freguesia me satisfaz. Claro está que, se atendermos a certas circunstâncias e às muitas necessidades da paróquia, temos de responder: a actual Igreja está muito bem colocada e era lá o lugar dela quando a construíram, pois era o centro mais populoso — a própria Vila de Prado. Mas como a freguesia tem aumentado muito, nos últimos tempos, e este aumento se verifica para outros pontos muito distantes da actual Igreja, forçoso se torna construir uma outra para que todos possam, mais facilmente, cumprir os seus deveres religiosos.

— Qual o motivo porque foi escolhido o lugar da Estrada, para lá se edi-

ficar a nova Igreja, e não outro?

— A explicação é muito fácil de dar.

Como o meu amigo sabe, é esse o ponto mais central da freguesia. E nós, pensando em construir uma nova Igreja, temos de escolher o local que satisfaça à maior parte dos fiéis. Ora, creio bem que ninguém tem razão de se queixar em preferirmos o centro para o qual deve convergir toda a população.

Outra razão, que para todos deve contar muito, é que trata-se dum local dos mais elevados, que se avista facilmente não só de qualquer ponto desta freguesia como também das circunvizinhas. Sob este aspecto, não poderíamos escolher melhor.

E, finalmente, porque o terreno foi-nos amavelmente oferecido pelo Snr. José Lopes Ferraz, de saudosa memória, o que representa muito para as nossas reduzidas economias.

— Essa escolha obedeceu aos interesses dos Paroquianos?

— Tem havido grande entusiasmo por parte da população da freguesia, quanto a este empreendimento?

— Eu que percorro, frequentemente, a freguesia de lés a lés, quer atendendo a que tenho de praticar aquela tão linda obra de misericórdia «visitar os enfermos», quer mesmo a pedir a este ou àquele alguns trabalhos e até mesmo dadas para o Salão Paroquial posso, talvez melhor do que ninguém, informá-lo da opinião geral, a tal respeito. E tenho de confessar, com profundo contentamento, que o entusiasmo cresce de dia para dia. Podia nomear-lhe muitas pessoas que, apenas se constou que as obras estavam para breve, logo que o Vila-verdense chegava a suas casas a primeira coisa que faziam era verem se já vinha alguma notícia sobre a nova Igreja. Outros, e estes em maior número, oferecem-se para trabalhar, não a ganhar dinheiro mas sim por gosto e dedicação. Outros, enfim, falam-me em fazer já um cortejo de oferendas

A parte superior, que é a própria Igreja, tem a nave, elevada do solo 1^m,80, com a porta principal precedida dum escadório monumental. Esta nave tem de largura 17^m, estando livres uns 13^m devido aos 6 altares laterais e aos 4 confessionários. De comprimento mede 26^m,60. A entrada tem o nardex, para exposição de avisos, proclames, etc., que dá acesso ao baptistério. Do lado oposto tem a torre com uma porta para o coro e para a cripta.

A capela-mor é de 10^m de largo por 12^m de fundo, tendo anexas as dependências para a sacristia, confrarias e instalações sanitárias.

Os púlpitos são no arco cruzeiro, ao contrário dos das outras igrejas que são ao centro, com a devida instalação sonora.

O corpo central tem 17^m de alto e a torre 25^m.

A fachada tem uma varanda, ao nível do coro, onde se poderão celebrar missas campais.

Isto é uma pálda ideia do que é a obra em si. Se desejar apreciá-la mais detalhadamente, queira ver o projecto que lhe poderemos mostrar ou a perspectiva que se encontra ainda em exposição na casa da Sr.^a D. Maria Pereira Lima.

Para terminar a minha modesta informação a este quesito vou transcrever algumas palavras que ouvi do Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. Arcebispo quando lhe fomos apresentar o projecto. Depois de o examinar minuciosamente afirmou: «Realmente vai ser uma obra grandiosa. Depois de concluída, não deve haver Igreja melhor, na Arquidiocese, construída nos últimos tempos.»

— Há pessoas que já tenham oferecido doativos para esse fim?

— Felizmente já podemos contar algumas.

Entre elas temos de salientar o grande benemérito, que não encontrará rival, o Snr. António Joaquim Rodrigues Loureiro. É do conhecimento do público que o Snr. Loureiro, homem profundamente católico, um dos maiores amigos desta Vila de Prado e do tido de um gesto especial e, até posso dizer, mesmo apaixonado por obras, já nos prometeu 100.000\$00. Além desta dádiva que não é pequena, tem destinado no seu testamento uma boa parte, para o Snr. Gomse fazer uma ideia do seu valor, basta que lhe diga que paga de contribuição o anualmente, 500\$00. Ainda que esteja, cara, já não é de pouco valor. E isto é o que o Sr. Loureiro já dispôs para a nova Igreja. E o que ainda esperamos? Peçamos muito a Deus que conserve o Snr. Loureiro muitos anos e depois saberemos o muito que nos há-de dar, pois é homem dum generosidade sem limites.

Depois temos, como já foi dito, o terreno que nos foi cedido pelo Snr. José Lopes Ferraz, que Deus haja.

Do Snr. Dr. Francisco António Gonçalves também poderemos dizer que recebemos já bastante. Quanto não sei mas é de esperar que seja muito porque, como é bem conhecido de todos, é um dos

grandes bairristas de Prado e está sempre pronto a fazer os maiores sacrifícios para o seu progresso. Dizia-me, há tempos, que, logo que a obra começasse, destinaria nos seus orçamentos, um tanto para a nova Igreja. Ora como a entrega da obra é, por assim dizer, o seu começo, podemos dizer, com toda a certeza, que o Snr. Dr. Gonçalves dentro de alguns dias nos começará a entregar parte da sua avultada esmola.

Já temos também, em caixa, 2.000\$00, sendo 1.000\$00 da bondosa Snr.^a D. Zulmira da Conceição Pereira, falecida há três anos e 1.000\$00 duma pobre que, devido a certas dificuldades, acabou os seus últimos dias no Asilo Pradense. Do pouco que deixou, destinou 1.000\$00 para a Nova Igreja. Belo exemplo este para aqueles que julgam que todos os bens que administram lhes pertencem, dos quais terão de dar rigorosas contas a Deus. A quem muito foi dado, muito será pedido, diz a Sagrada Escritura.

— Contam com alguma participação do Estado?

Com a participação propriamente dita, não contamos. Se o Estado participasse como antigamente que chegava a dar, se não estou em erro, 75 %, ainda era de aproveitar. Agora que só concede, para a construção de igrejas, 20 a 30 %, compreende que esta quantia não iria muito além do aumento que teríamos de dar aos empreiteiros que se costumam segurar quando tomam conta duma obra participada.

Aconselharam-nos, e quem de direito, que seria muitíssimo melhor enviedar pelo caminho do subsídio, como as despesas são muitas é este o caminho a seguir.

— Quais os benefícios que advem para a freguesia com a construção da nova Igreja?

— Para lhe responder como seria para desejar, eu teria de enumerar benefícios sem conta. Mas não fico sem lhe apontar os principais.

Alguns e de grande valor, já estão compreendidos nas respostas que lhe dei acima, quando lhe falei da escolha do local.

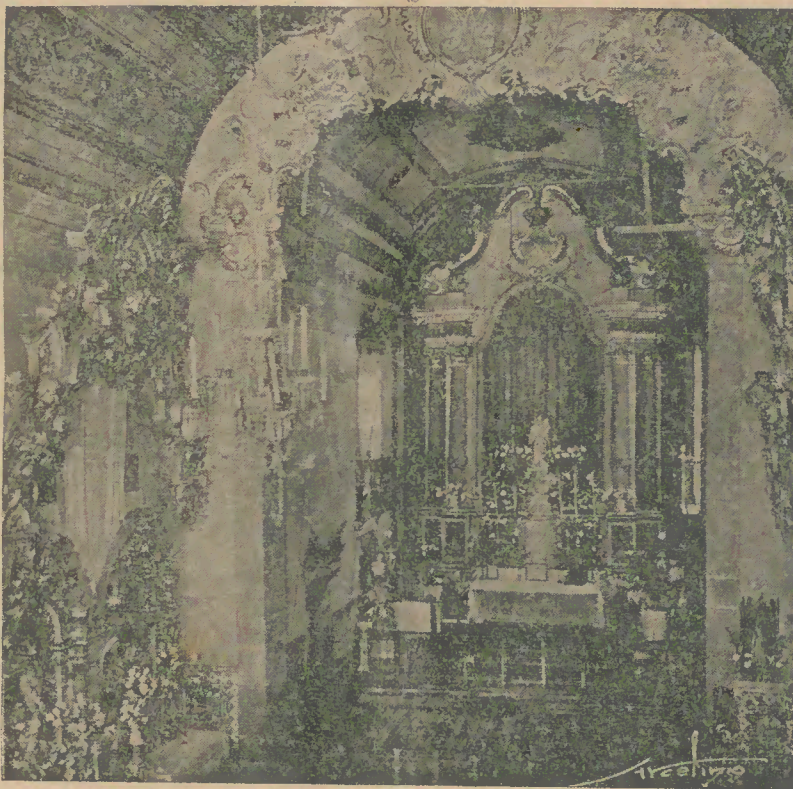
Nós com a nova Igreja vamos centrar mais o culto. Há paroquianos que, infelizmente, só vêm à igreja paroquial de anos a anos, passando o resto do tempo a frequentar as freguesias vizinhas.

Como vê, não há unidade paroquial, indispensável para a boa harmonia e para bem se orientarem as almas no caminho difícil da perfeição.

Têm-se realizado actos de piedade na igreja paroquial como novenas, o mês de Maio, o mês do Sagrado Coração de Jesus, etc, que, se alguém de fora viesse tomar parte e não conhecesse as circunstâncias em que nos encontramos, iria deveras escandalizado para a sua terra.

Verifica-se também como os nossos templos, se encontram, todos os dias de preceito, repletos de fiéis, sem comodidades, a bem dizer, nenhuma. É ver o que se passa por exemplo na capela da Ponte; como os homens se aglomeram

Continua na página quinta (B)



INTERIOR DA MATRIZ

— Sem dúvida alguma. Para confirmar, basta contar-lhe, entre outras coisas, o que se passou, há dias, comigo no lugar dos Carvalhinhos. Estava eu a convidar alguns carreteiros para transportar madeiras da fábrica do Snr. Arnaldo Vieira Braga para o Salão Paroquial e, a propósito, diz um: «às vezes ouve-se dizer de se fazer a nova Igreja, esta que serve muito bem. Eu também era desses, mas agora estou morto que ela se faça, porque ainda há dias, andava no campo e comecei a reparar que não via a nossa Igreja e quando levanto os olhos para o Salão, que lindo, que vistoso!» Diz logo um do lado — este era da Vila: já devia estar pronta.

Está a ver que até mesmo aqueles que eram adversos, ao depararem com a realidade e ao terem conhecimento das suas grandes vantagens são os primeiros a interessarem-se. Isto me anima e dá alento para dizer o que já tenho dito a várias pessoas: aqueles, embora poucos, que presentemente não querem dar nada, mais tarde vão ser os que mais há-de dar, porque as mesmas obras se encarregarão de lhes mudar o seu coração de pedra dura num coração de carne, meigo e compreensivo.

Entrevistando o Snr. P.e António Ferreira Peixoto a propósito da construção da Nova Igreja

(Continuação da 5.ª pág.)

na sacristia, no penedo, o que impressiona tão mal a quem passa, como já tenho ouvido referências... porque não há lugar.

A nova Igreja será espaçosa e muito contribuirá para que todos possam cumprir mais proveitosa-

mente os seus deveres religiosos.

Outra grande vantagem é a forma como vai ser construída.

Tem-se notado muita falta de respeito na Casa de Deus, precisamente porque não há a educação religiosa que era para desejar.

As crianças estão habi-

tuadas a estarem na Igreja, como quem está noutra casa qualquer, porque a isso as levou o ensino da catequese na própria igreja.

Com a nova, os casos mudarão de figura, porque a catequese passará para a cripta e para o salão, ficando a Igreja propriamente dita reservada ao culto.

— Quanto contam gastar com o levantamento do novo templo?

— O orçamento que está feito, segundo o projecto apresentado, monta a 2.060.000\$00.

Temos de contar com alguma alteração, porque as medidas serão acrescidas de mais dois metros no comprimento e talvez alguma coisa na altura. E depois também é sabido que as propostas variam muito e pode dar-se muito bem o caso de, atendendo a certas circunstâncias favoráveis, a obra ficar mais barata do que os cálculos iniciais.

— Depois da nova Igreja concluída, a actual fica aberta ao culto?

— Sobre isto não há a menor sombra de dúvida.

— Continua aberta e há-de continuar a venerar-se com todo o carinho que nos seja possível.

Não poderíamos, de forma alguma, desprezar uma Igreja que, além de ser uma das mais formosas e artísticas do concelho é, poderemos chamar-lhe com toda a verdade, o berço do povo de Prado; o verdadeiro salva-vidas, onde tantas almas têm recebido o seu alimento espiritual, graças ao qual grande número delas reina feliz no céu. Só pensar em fechá-la, seria uma barbaridade, seria um crime de lesa majestade, para o qual não poderia haver castigo suficiente neste mundo.

Continua aberta ao culto e continuará, como dizia, a ser venerada com muito amor. Para o conseguirmos reservarmos, de futuro, uma percentagem dos cortejos, que se fizeram para a nova Igreja, destinada a conservar e a melhorar a actual.

Depois desta série de

perguntas e de trocarmos outras impressões, ficámos mais uma vez convictos de que a nova Igreja será, dentro de pouco tempo uma realidade. Realidade essa que vem satisfazer aos anseios dos Pradenses. Sem dúvida que vai ser uma obra grandiosa em que não se pouparão esforços de toda a natureza para que a nossa Vila possua um templo digno da sua religiosidade.

Não queremos terminar esta nossa pequena informação sem deixarmos

aqui, o nosso reconhecimento ao Rev. P.º António Peixoto, pelas suas amáveis e oportunas informações que nos deu, todas elas de grande interesse para os nossos leitores.

Resta-nos, agora, incitar todos os Pradenses, os que aqui residem e aqueles que estão longe da sua terra, para que contribuam sempre mais e melhor para vermos concluído aquilo que tanto desejamos. A NOVA IGREJA.

Manuel F. Gomes

Papelaria Rainha

no Campo da Feira — VILA VERDE

Aqui encontra todas as revistas literárias, noticiosas e de modas.

Encarrega-se de assinaturas de revistas nacionais ou estrangeiras.

Vende jornais desportivos, literários, livros escolares e de literatura, papel de carta e todos os objectos e utensílios de escritório.

Encadernação de livros, de luxo ou vulgares.

Agente de «O Vilaverdense», aqui pode adquirir o nosso jornal avulso, fazer a sua assinatura ou o pagamento e contratar anúncios.

Fábrica de Cerâmica, Serração e Moagem

DE

José Macedo

Sucessor de LEITÃO & C.ª

Especial fabrico e esmerada execução em qualquer destas indústrias

VILA DE PRADO

BRAGA

Telefone, 9226

Joaquim Silva

Vila Verde

Direcção de Armando Joaquim da Silva

Mercearia em grande escala;
vinhos e miudezas,
Casa das melhores da região

Arlindo Soares de Sousa & Irmão

Vila Verde

Lanifícios e fazendas brancas,
camisas, meias, peúgas
e miudezas

Agente de Máquinas
de costura, rádios, seguros,
artigos fotográficos etc.

José Luciano de Sousa

Vila Verde

Alfaiataria Vilaverdense

Fornecedor de lãs nacionais,
Agente das máquinas
de costura Husquevarna

Pensão Casa Nova

Vila Verde

Almoços, jantares e pensão completa
com quartos. Serviço distinto e familiar,
com excelentes instalações.

V.ª de Joaquim Manuel da Silva

Vila Verde

Mercearia, vinhos especiais da região,
brancos e tintos

Lanifícios para fatos e sobretudos,
vendas a dinheiro
e a prestações com bonus

TALHO DE

António Joaquim do Lago Júnior

Vila Verde

Dirigido por António Fernandes de Lago

Boas instalações com fornecimento
das melhores carnes verdes

António Marques da Silva

Vila Verde

Fábrica de canos de cimento
para todas as canalizações
de água, com ou sem pressão
desde 2 polegadas

Francisco da Costa Matos

Vila Verde

Depositário das
Bombas de gasolina e gasoi
da Vacuum, em Vila Verde

Tem sempre grandes quantidades
de óleos de lubrificação

Casa Fernando Pedroso

Vila Verde

Mercearia abastecida de géneros de primeira
qualidade aos melhores preços

Armazenista distribuidor de azeites. Tem ser-
vido o Concelho de Vila-Verde, nos períodos
mais difíceis do abastecimentos, com azeites
das melhores procedência

Azeites finos, à venda no estabelecimento
e distribuição ao domicílio

Casa Fonte Limpa

Vila Verde

Mercearia. Sortido
completo em gé-
neros alimentícios,
Miudezas várias.

Gosta de bom café?
Só no Fonte Limpa.

A Funerária

Serviços fúnebres
desde modesto a
luxuoso.

Preços Moderados

CASA MINHOTA

de

João Carlos G. Machado

Campo da Feira - Vila Verde

Casa especializada em Tecidos de Algodão, Malhas,
Miudezas e outros tecidos finos, perfumarias, malas,
chapéus. Fotografias para bilhetes de identidade. Ven-
de e executa revelações de filmes, ampliações e repro-
duções em todos os formatos. No seu próprio interesse
visite este estabelecimento novo de preços sem compe-
tência.

Bernardino José Ferreira & C.ª, L.ª

Pico de Regalados

Armazenistas e retalhistas de Mercearia

Armazenistas distribuidores de Sal, Fazendas,
Miudezas, Chapéus, Guarda-sóis e Calçado.

Correspondentes bancários e Agentes das Com-
panhias de Seguros «Douro» e «Comércio e Indústria».
Esta casa goza de grande fama nesta região e
concelhos limítrofes, pois é timbre de quem está à
frente da mesma servir os seus clientes com seriedade.

Arreda... Laje

Será verdade? — Então não lhes parece que é verdade o facto de precisar de concerto a estrada que, através da Laje e de Toriz, como derivante de segunda classe, liga as importantes estradas Nacionais 101 e 201, dos Barrocos a Febras e vice-versa? Pois é tão verdade que já o Sr. Dr. Aurélio Macedo e Cunha, nascido e radicado em Terras de Prado (Atães-Cervães) pensou a sério em mandar fazê-lo quando esteve na Presidência da Câmara, há dois lustros, pouco mais ou menos, e tanto que mandou britar muitas centenas de metros cúbicos de pedra, que esteve exposta imenso tempo à curiosidade pública, à margem da estrada em questão.

Mas, talvez por se reconhecer que essa brita era de pequenas dimensões para o trabalho a realizar, foi mandada retirar de novo, certamente para ir à forma e ser convertida em cubos ou paralelepípedos. Sim, porque não é fácil de conceber outra explicação.

Bruta, cubos ou paralelepípedos, tudo é pedra e deve servir para a «nossa» estrada. A questão é que venha de qualquer forma e que se mande colocar onde é justo que seja colocada, para evitar mais reparos e reclamações, tudo a Bem da Nação, a Bem do Concelho, a Bem das antigas Terras de Prado e até a Bem das nossas costelas já suficientemente amassadas.

«O Vilaverdense» — O primeiro número a sair em 19 de Março, é o do seu aniversário e Deus queira que essa data se repita largamente, pelo menos até ao Centenário e até pelos séculos fora.

O primeiro número — já lá vai um ano — deu-me água pela barba, porque chovia a potes, exactamente como no último dia de Entrudo, como devem recordar-se; mas, no mês em que se recolhe tudo, consegui sacudir a água do capote e, com esse facto, nada perdeu o nosso periódico, por se ver livre deste caturra, que tanto espaço ocupava e não tinha ainda esses belos colaboradores que certamente estavam a ensaiar-se ou «a ver no que paravam as modas».

Durante o ano, muitos factos agradáveis se passaram e também outros desagradáveis, tendo-me cabido nestes últimos o maior quinhão; mas a Divina Providência é quem dispõe as coisas e a nós compete acatá-las.

Féveras de Fevereiro — Dizem-nos que, este ano, as temos de roer em duplicado, por ser questão de luas, o que é coisa séria. Antigamente, era frequente ouvir-se dizer que certos indivíduos andavam na lua, mas certamente nunca lá chegaram. Porém agora não é assim: tenta-se, de facto, ir à lua e fazem-se despesas colossais em preparativos para lá chegar, tendo-se até comprado lá terrenos antecipadamente. Vão-se fazendo satélites e mais coisas correlativas; mas,

Cervães

Trocando Notas em miudos — Nesta freguesia houve durante os meus primeiros anos um pároco que usava aproveitar o que lia no Evangelho e o que, em desacordo com ele aqui ou noutras terras sucedia, para chamar para estes dois casos toda a muita atenção com que todos nós o escutávamos, encantados pela sua palavra fácil e clara, conveniente e necessária.

Quem me dera ser padre, para poder, se fosse orador, fazer o mesmo, mais ou menos, salva a devida distância, à... Baeclar Oliveira.

Felizes os que eu convencesse, ao alvejado chamando-os à ordem a ver se os metia nos eixos!

— Causa dó vermos, por aí fora tanto meio de se tentar esquecer que os domingos são os dias mais santos e — quem sabe, se os menos santificados! Quem se dedica a ler os jornais das segundas e terças-feiras, vê, com pena, que os dias santos de guarda, ao menos em certas ocasiões, — como havendo a bola e durante as segundas ou terças e as sextas-feiras, são muito pouco guardados por tantos que, até pareciam, no resto do ano bem boas pessoas, gente de bem!

— Quando é que pegará a cristianíssima moda de durante a missa e o terço da tarde, os sr.s vendedores irem ao templo com os seus fregueses, ou pelo menos, pedirem a estes que o façam?

Daqui lembro à direcção do «Vilaverdense e à Mesa do Alívio, bem como aos Rev. dos párocos, que devem iniciar um movimento neste arquipélago nesse sentido «A Bem da salvação de muitas almas» — santo tempo da quaresma. Oxalá eu não perca o meu rico tempo — enquanto apresento estas notas que dou a tomar e troco em miudos!

C. Baeclar

enquanto a *madureza* não dá provas concludentes, nós é que temos de sofrer as consequências e aguentar os efeitos das luas singelas ou duplicadas.

Se Fevereiro é pequeno, é também irrequieto e não deixa os seus brios por mãos alheias, como se disse no último número.

A freguesia da Laje não se esquece do *pimpolho* e cá tem o lugar que o recorda embora disfarçadamente mudando-lhe a ortografia para Febras.

Seja como fôr, nós já estamos em Março e este costume dar-nos a Primavera, já anunciada pelas *andorinhas* e por outras aves de arribação, a par de lindas grinaldas que se vão ostentando através deste Minho ridente e florido.

Primaveras — São várias as pessoas que as colhem neste simpático Mês de Março, dedicado ao Imaculado Esposo da SS. Virgem, e daqui as felicitamos.

Assim, temos, no dia 6, a da menina Maria José Loureiro Vilela de Sousa, filha do sr. José M. Vilela de Sousa e de sua esposa D. Maria R. Loureiro, residentes no Brasil, e a do sr. P.e Manuel António Caridade, M. D. Pároco de Rio-Mau; no dia 8, a do estudante João Luís Peixoto Vilela de Sousa e a do Rev. Bento Duarte de Araújo, M. D. Pároco de S. Vicente da Ponte; no dia 9, a da sra. D. Maria da Costa Macedo Madeira, filha do sr. Prof. Abel Madeira; no dia 10, a do Rev. Manuel Gonçalves Diogo, M. D. Pároco de Vila Verde; no dia 13, a do sr. Manuel Pereira da Mota e Abreu; no dia 15, a da sra. D. Maria da Conceição Morais Vilela de Sousa; no dia 18, a do Rev. Carlos Pinheiro Alves, M. D. Pároco de Atães; no dia 19, a de Monsenhor Manuel José Fernandes Pereira e Mosquera, M. D. Abade de Azêdes; no dia 21, a do Rev. Leonardo de Oliveira Faria, M. D. Pároco de Couceiro; no dia 23, a do menino João Luís Almeida Vilela de Sousa; e no dia 25, as de D. Maria Vilela de Sousa Nogueira e de D. Maria de Lurdes Ferraz da Mota.

Arqueologia — Não há muitos dias ainda (foi no dia de Carnaval deste ano), estive em Moure com o Rev. Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, infatigável investigador e Arqueólogo de reconhecimento merecimento que, na véspera, havia subido ao Monte do Castelo de Barbudo a fim de examinar de novo as ruínas do *Castro* e as curiosas descobertas que, de colaboração com o Rev. Alberto da Silva Araújo, M. D. Pároco de Barbudo, havia feito naquele esplêndido miradoiro, onde está sepultada uma grande Citânea. Qual não foi, porém, o seu espanto ao ver inutilizado o seu esforço e todo o trabalho ali realizado em 23 de Agosto de 1954, pois que certo curioso, da freguesia de Moure se apropriou das pedras trabalhadas a primor e as arastou até junto de uma *coutada*, que possui nas proximidades e as colocou a servir de vedação.

O Rev. Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha insurgiu-se contra o inaudito atrevimento e perguntou se não havia no concelho de Vila Verde representante dos Monumentos Nacionais ou coisa equivalente afim de olhar por estas coisas.

Este caso não é esporádico na freguesia de Moure; mas o exemplo já vem de longe e de mais alto, como tive ocasião de salientar neste periódico e no «Diário do Minho».

E' preciso que estes abusos acabem definitivamente e, sendo possível, todo se reponha no devido lugar, porque lá é que o significado é real.

A continuar este desinteresse, vão-se perdendo e esquecendo muitas fontes da História do concelho,



A fotografia mostra-nos com objectividade a Ponte sobre o Cávado em Prado. Muito se tem dito e falado acerca desta velha ponte que, como todos sabem, é considerada Monumento Nacional. Pena é que as entidades competentes não se resolvam a proceder ao seu alargamento, pois tal como está só serve para, muitas vezes, engarrafar o trânsito. Aqui fica mais uma vez a nossa lembrança.

Novos Assinantes

Abílio M. Reis Gomes, Lisboa; José Maria Crujeira, Oleiros; João da Costa Sampaio e Manuel Joaquim Peixoto da Costa e Silva, ambos de Palmeira; José Gomes da Cunha, Lisboa; António Joaquim Gonçalves Tinoco, Lisboa; António de Oliveira Pinto, Braga; José Rodrigues Peixoto, Francisco Peixoto Cerqueira, José Moreira da Silva, todos de Prado, enviados pelo Sr. Horácio Cerqueira Ferreira; Carlos Peixoto Monteiro, África; Domingos Fernandes, Terras de Bouro; Luís Guimarães Bessa, Porto; D. Sofia Emília Ferreira Gomes, Atães; Alvaro Pereira Rios, Pico de Regalados; Manuel Fernandes Machado, Goães; António Martins da Costa, Brasil; Sebastião Pereira Coutinho, S. Paio de Merelim; D. Maria de Lourdes Santos, Cabanelas; José de Castro Cebolido, Entre-os-Rios; Artur Alberto Dias, de Lisboa, enviados pelo nosso correspondente Rev. do P.e Salvador; Adelino da Cunha, de Escariz, S. Mamede, Prado; Manuel Correia, Parada; de Gatim, Prado; D. Celeste Junqueira, Digma Professora de Arcozelo; Luís Augusto de Azevedo, Manuel Soares, José de Barros, Domingos Alves Martins e António Lima, todos de Arcozelo; António Gonçalves, Arelino da Silva, Manuel Gonçalves, Joaquim da Silva, Luís da Silva, Joaquim Ferreira de Araújo, António de Queirós e Engenheiro Manuel de Oliveira, todos de Marrancos; João Evangelista Pereira, de Goães, enviado pelo Rev. do P.e Manuel Regados; Rogério Oliveira Nogueira, do Porto, angariado pelo sr. Alvaro Fernandes Ferreira Reis, do Pico de Regalados e Maria Flôr de Araújo, de S. Miguel de Oriz, enviada pelo Rev. do P.e Lazera; José Luís Oliveira Faria, Rua da Alegria, 61, Lisboa; D. Maria Teresa Fernandes dos San-

tos, este último foi-nos enviado pelo nosso assinante António Dantas, residente no lugar dos Eidos, Prado; José Manuel Macedo de Oliveira, África; José Correia Gonçalves, Prado; José Faria dos Santos, Francisco da Costa Matos e Manuel do Nascimento Cunha, de Vila Verde.

ASSINANTES QUE PAGAM

Jorge Carlos Antunes Gomes, Prado; João Luís Bernardes, António José Antunes, ambos de Atães; Martinho Rodrigues, Brasil; Casimiro de Macedo, Alvaro Joaquim Rodrigues e Manuel da Cunha, de Freiriz; D. Joana das Casas Novas, Co-deceda; Albino José de Magalhães, Angola; Professor José Maria Bezerra, Vila Verde; José Maria Ferraz, Soutelo; António da Silva e António Joaquim Fernandes, de Freiriz e Arnaldo R. Lopes, Angola.

Portela do Vade

AJUDA MUTUA DE DOIS LADROS — Havia bastante tempo que o Sr. Fernandes Dias afirmava ser roubado não sabia como, nem tão pouco, quem seria o presumível autor.

Haviam suspeitas mas não confirmações. Parecia um autêntico mistério!

Ultimamente as suspeitas recaíam sobre o Manuel Rocha, pois este entregava-se a grandes despesas, andando em viagens, e hospedando-se na «Pensão Manivelas», onde comia bons petiscos, quando sendo filho de uns humildes caseiros, não tinha rendimentos para tal. Mas... lá está o ditado: o cântaro tantas vezes vai à fonte que uma vez larga a asa e assim sucedeu: No dia 23 do mês findo o gatuno novamente preparou o assalto, mas desta vez encontrou o Sr. Fernandes Dias pela frente o qual aguardava a sua vinda. Foi preso em acto continuo comunicando-se telefonicamente às autoridades que imediatamente apereceram no local. No entanto o gatuno negava a pé junto.

Foi levado para o posto da G. N. R. continuando na sua Mas... depois de se verificarem as suas pegadas, é que se dignou começar a confessar.

Acusou como receptor o Sr. José das Neves Sousa, ao qual vendia tudo por uma ridicularia.

Este comerciante já há tempos fazia preços verdadeiramente sensacionais à sua clientela.

Era para numerar todos os artigos roubados mas era tal a quantidade que o próprio assaltante limitava-se a dizer; realmente roubei muito isso é verdade, fui lá muitas e muitas vezes, e que já roubava assim à cerca de seis anos ao mesmo Sr. acima citado. —(C.)

FUTEBOL EM PRADO

No dia 3 de Março, a turma de «Congregados Desporto Clube», defrontou, no campo «Sousa Lima», em Prado, o «Juventus S. C.», do qual saía vencedora pela margem de 7-2.

O desafio principiara às 15 horas em ambiente de verdadeira camaradagem, sob a arbitragem do sr. Luís Gonçalves. Aos 15 minutos, a «Congregação» marca o primeiro golo por intermédio de Gomes, que havia de voltar a marcar aos 20 minutos.

Terminara a primeira parte com 2-0 a favor da equipa visitada.

O «Juventus», que entrara na segunda fase do jogo mais decidido, com passes bem delineados, procura reagir, fazendo aos 6 minutos, por intermédio de Castro, o seu primeiro tento, após o qual, e com os aplausos da assistência, procura ser mais mexida. Porém, bem acentuada a nítida superioridade dos «Congregados», estes, fixam a linha de defesas no centro do rectângulo, para avolumarem, por intermédio de Gonçalves II e aos 10 minutos da segunda parte, o resultado para 3-1. Gomes voltava a marcar aos 20 minutos; Gonçalves II aos 30; Moreira aos 38, e num contra-ataque rápido e imprevisível, a um desequilíbrio do defesa central Gonçalves I, o «Juventus» marca o segundo golo por intermédio de Antunes.

Já próximo do final, aos 43 minutos da segunda parte, Baptista, com um potentíssimo remate, que Silva não pôde evitar, completa o volumoso resultado a favor da equipa da casa, em 7-2.

São de notar as faltas do avançado centro Gonçalves III (mau) que alinhará pelo G. D. de Prado em Campeonato Corporativo, e do extremo direito Joroca que se encontrava ausente.

A turma «Congregados» alinhou com:

Baptista	Peixoto II	Antunes
Fernandes	Gonçalves I	Dias
Aparício	Peixoto I	Moreira
		Gomes
		Gonçalves II

A' MARGEM DO HOMEM

Entrada

ENTRADA — Ao começar do 2.º Ano de vida de «O Vilaverdense», interpretando o sentir dos mais exigentes (e pessimistas, a quando do seu aparecimento), vão as nossas mais entusiásticas felicitações para os seus fundadores, director e redactores, pela forma como souberam lançar e fazer progredir o jornal, e ardentes votos pela sua longa vida e progresso constante, a Bem de Deus, da Religião, da Pátria e do concelho de Vila Verde.

Paço, 9

BAPTISMO — No dia 3 do corrente foi o baptismo, na igreja paroquial desta freguesia, de uma criança do sexo feminino, filha de António Marques e Floribela de Almeida, do lugar das Eiras. Foram padrinhos Albino Malheiro e Balbina de Oliveira, que à afilhada puseram o nome de Balbina da Conceição.

ROUBOS — Tem andado desenfreada a pilhagem de hortas e limoeiros, por parte de certos amigos de ganho fácil, à custa do trabalho dos outros. Nalgumas hortas a «limpeza» tem sido completa. Quando teremos o tam falado policiamento rural? — (C.)

S. Pedro de Valbom, 10

DOENTE — Tem passado bastante mal de saúde, a sr.a Virgínia Machado, esposa do sr. Domingos Ribeiro, do lugar de Lamas. Desejamos-lhe rápidas melhoras. — (C.)

S.ta Marinha de Oriz, 11

DE REGRESSO — De regresso de Lisboa, encontra-se há dias entre nós a sr.a Angelina Marques, que deixou as suas lides na capital pelo sossego da sua casinha no lugar da Regada, onde reside.

RATONEIROS — Também nesta freguesia se tem feito sentir a acção dos «amigos do alheio», sobretudo na munda de limoeiros (cujos frutos este ano se pagam bem) e «limpeza» aos espigueiros e capoeiras, donde «voam» várias galinhas e desaparecem sacos de milho. Como se não bastasse a queima nos limoeiros no ano passado e a epidemia que nesta região vai dizimando este ano os galináceos, vem mais esta «praga» dos ratoneiros que vão «trabalhando» impunemente, à custa das canseiras, suores e economias dos outros. Não devem ser estranhos a isso certos matulões que se vêem por aí de costas ao alto e que entretanto... vão vivendo... facilmente, por falta de acção enérgica e oportuna de quem de direito para os identificar e reprimir. — (C.)

Arte Culinária

ALMONDEGAS A PORTUGUESA

Passa-se pela máquina meio quilo de carne de vaca e um pouco de toucinho; junta-se-lhe dois ovos inteiros e um pouco de miolo de pão embebido em leite ou caldo, salsa muito miudinha e sal. Em seguida forma-se pequenas almondegas, que devem ser envolvidas em farinha de trigo. Faz-se um refogado de tomates, cebola e sal; feito isto deita-se-lhe um litro e meio de água, formando uma espécie de caldo. Quando o caldo estiver fervendo vai-se deitando dentro as almondegas que se deixa cozinhar pelo espaço de uma hora e meia. Quando estiverem prontas retira-se da cassarola e no molho que ficou deita-se uma colher de caldo de limão, um pouco de pimenta do reino e uma gema de ovo desmanchada em um pouco de caldo. Retira-se logo do fogo para que a gema não talhe. Derama-se este molho sobre as almondegas.

(Continua na página 8)

As mais lindas rosas de Portugal

As mais famosas árvores de frutos

PLANTAL AS NOSSAS ARVORES E COLHEITAS OS MELHORES FRUTOS CATALUNHAS GRATIS

Arvores floríferas - Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Madeira da Silva e F.º, L.ª

Rua D. Manuel II, 55 - PORTO

que deviam estar patentes para «instrução da Humanidade» e para estímulo dos povos do nosso vasto concelho, que outrora tinha assento na próxima Vila Chã.

Laje, 11-3-1957.

AMAVIL SOUSA

Vila Verde e o folclore Minhoto

(Continuação da página 10)

o povo do vale do Cávado, de Vila Verde, é a Nação Portuguesa quem tem de restaurar o Santuário de N. S.ª do Bom Despacho, porque é um monumento à Restauração Nacional, erigido pelo povo.

Quando se travavam as batalhas e escaramuças guerreiras, nas lutas da Restauração, depois de 1640, até ao tratado de paz, os guerreiros e o povo faziam as suas promessas à Senhora do Bom Despacho; e foi com esses votos que o Santuário foi construído com toda aquela grandiosidade. Não tem a arte dos templos da Batalha nem dos Jerónimos, mas tem o mesmo sentido histórico. A Nação e o Estado não podem deixar no abandono este Santuário.

Clamarei no deserto? Não creio. Hoje as nações têm de defender os seus monumentos históricos, como pergaminhos e títulos indestrutíveis da sua liberdade.

Aos católicos da Arquidiocese também incumbe a responsabilidade.



Santuário da Senhora do Alívio

É de próxima definição a doutrina da Mediação Universal de Maria Santíssima, ou o Santuário de N.ª S.ª do Bom Despacho, se não me engano, é o único Santuário que traduz expressamente essa verdade, na nosa Arquidiocese.

A sua imagem, que lhe deu o título é formada por N.ª S.ª com o menino ao colo, sustenta a mão do menino, que com a pena vai despachando o que N.ª S.ª quer.

Não deixem esquecer o Santuário de N.ª S.ª do Bom

Despacho, folcloristas portugueses e católicos.

Outro costume folclórico lindíssimo é o dos arcos colocados à porta da Igreja, nos casamentos, formados com ramos, ornados com mantas finas, lenços de mulher, cordões de ouro, e sobre uma mesa, pão e vinho.

A rupa representa a abundância do bragal que deve haver na casa dos noivos; o ouro, a abundância de dinheiro, e o pão e o vinho, fartura de géneros. Numa palavra é o desejo de felicidade.

Não se deve pôr vinho do Porto, como actualmente se está a fazer, mas sim vinho verde, tinto ou branco.

Que lindas são as bessadas ou lavradas das terras, em que a rapariga que puxa aos bois vai cantando, em solo, aos bois, ao lavrador; pede vinho e comestíveis, a que todos os assistentes respondem em coro, em unísono, em altos brados. Os bois parecem entender na sua cândida paciência em amor ao trabalho, que tudo é festa no trabalho do Minho.

Diogo

Por Arcozelo

COISAS TORTAS — Como em toda a parte, também nesta freguesia, há coisas que não correm como convém e que facilmente se resolveriam com a enérgica intervenção do regedor. Assim acabariam as «línguas compridas», palavrões, cenas de pancadaria e os furtos das capoeiras.

CEMITÉRIO NOVO — Há dias andou por aqui uma comissão de técnicos para localizar o novo cemitério. De facto, há grande necessidade dum cemitério em condições de recolher condignamente os corpos, pois actualmente é confrangedor assistir a qualquer enterramento.

NOVA ESTRADA DELI- GAÇÃO. — Esta freguesia está mal servida de comunicações, mas a Junta composta pelos senhores Luís de Azevedo, Manuel Soares e António de Lima esforça-se por conseguir uma boa estrada que ligue desde as «A'minhas» até à igreja nova. Já está pronto o respectivo projecto e a Junta trabalha para que em breve se realize.

Zózimo S. Ramos

Médico

Consultas, com hora previamente marcada, aos sábados e domingos, na Rua de S. Marcos,

N.º 127-1.º

BRAGA

Homenagem

Ao nosso Pároco Rev. Arcipreste Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva e seu Sobrinho Rev. P.e António.

A nossa Vila de Prado, Está feliz na verdade, Pois além de ser muito bela, Possui um bondoso Abade.

O seu exemplo edifica É sua vida exemplar; Até os que são rebeldes Também o devem admirar.

Pois desde manhã à noite, Não cança de trabalhar. Já não é um padre novo, Para tanto trabalhar.

Ele corre a Freguesia, Ele visita o doente, E aos actos da Igreja, Sol ou chuva está presente.

Mas nosso Senhor que é justo, Lhe mandou um braço forte; Padre António, seu sobrinho Para amenizar sua sorte.

A este devemos muito, Por tanta abnegação Pois trabalha sem cessar, Com alma e de coração.

Por isso a eles devemos, Toda a nossa gratidão, E por ambos enviamos A Deus a nossa oração.

Prado, Março de 1957.

por Amélia Chevalier Loureiro

«Levar o banco»

(Continuação da página 10)

leram o catecismo e até o ensinavam aos filhos.

Conta-se que M. Beau-sée, membro da Academia Francesa, surpreendeu, um dia, Diderot a explicar o catecismo a sua filha! O amigo e talvez colega não pôde disfarçar o seu assombro. Diderot sorriu-se e disse-lhe: «Caro amigo, não estranhe a minha atitude. Diga-me que melhor ensino poderia eu dar à minha querida filha? Que melhor, mais sólida, mais esclarecida moral poderia eu inventar para a fazer boa filha, esposa e mãe? Que moral há comparável à contida neste pequeno livro? Eu não conheço melhor! Sem a Religião o homem torna-se uma fera, a mulher uma desgraçada e o país cai na mais pavorosa ruína!» Reletem-me a divagação, embora não seja despropositada.

Quando deve ser feita esta primeira desobriga, ou desarrisca? Varia de terra para terra. No alto Minho há freguesias onde, desde tempos imemoriais, se fazem três domingos de septuagésima, sexagésima e quinquagésima.

No arciprestado de Viana do Castelo, em algumas freguesias, começa a desarrisca no princípio de Janeiro de modo que esteja concluída ao começar a Quaresma. Assim como são tomados os indultos, quase sempre, durante o referido mês que é o tempo próprio. Alguns retardatários ficam para durante a Quaresma que é o tempo para a segunda desobriga, isto é, para o cumprimento do chamado preceito pascal, ou seja o cumprimento do segundo e terceiro dos preceitos da Santa Igreja. Noutras freguesias faz-se tudo dentro da própria Quaresma.

Como é feito o exame, ou interrogatório da doutrina?

Depende do critério dos párocos e dos costumes

próprios da respectiva freguesia.

Primitivamente parece que o local era sempre a igreja. Também se faz na Sacristia ou na residência paroquial, e quase sempre da parte de tarde.

O sino dá o costumado sinal. Os paroquianos vêm vindo pela ordem dos respectivos lugares, ou pela ordem da Cruz no domingo de Páscoa.

Entram na igreja e esperam pela sua vez. O pároco está sentado na sua cadeira dentro da capela-mor com o respectivo Rol na mão. Chama pelo chefe da família. Este com o seu rancho aproxima-se e vão-se ajoelhar junto da grade no arco-cruzeiro. Primeiro o pai, depois a mãe e os filhos pela ordem da sua idade. Às vezes, é o pai só, ou a mãe, ou qualquer outra pessoa de família, mais idosa, que acompanha os mais novos e até os serviçais se os há na casa. Ajoelhado junto da grade dizia-me, um dia, um bom paroquiano: — Senhor Reverendo Abade, aqui me acompanharam, muitas vezes, meus pais (que Deus tenha) quando eu era como estes (apontava para os filhos).

Faço aos meus o mesmo que me fizeram para que eles, mais tarde, também assim façam.

Se desejar perguntar-me a doutrina aqui estou para lhe dizer o que souber.

Fiquei maravilhado com a sinceridade e nobreza de sentimentos daquele exemplar paroquiano que se não dispensava a si, nem à família do cumprimento deste dever da vida cristã.

Este era do número daqueles que não precisam de «levar, ou ir buscar o banco».

SILVA

Anúnciαι no «Vilaverdense»

Avante por Cervães

e pela sua Banda

O pobre correspondente de Oleiros agradece aos dedicados correspondentes de Cervães as palavras amáveis que lhe têm dirigido. Nada têm que se admirar com a boa vontade que tenho mostrado sobretudo quanto à antiquíssima banda de Cervães, que seria um crime deixarem morrer, o que o povo de Cervães, baírrista como é, não quer, e com razão.

Quem não ama e se não sacrifica pelo que é progresso, sobretudo da sua terra e da sua região ou meio em que vive, mostra que lhe não tem amor e é indigno dela.

Ora eu não queria ter a menor sombra dessa nojenta nódoa. Sacrifique-se a Comissão e os artistas da bela arte dos sons e em nada me pouparei. Sem isso nada se faz.

As minhas felicitações à digníssima Comissão e muito especialmente ao seu incansável presidente que creio ser o Rev.º Sr. Abade de Cervães, e aos grandes sacrificados, que são os músicos, a quem todo o povo de Cervães deve amar de todo o coração pelo grande sacrifício que fazem em se prepararem com inúmeros ensaios, horas essas, de grande sacrifício do tempo que roubam ao seu descanso, para mais se cansarem no esforço a dispendir para bem poderem desempenhar o papel que lhes foi confiado, e depois levarem ao perto e ao longe o nome de Cervães.

Pobres músicos! Só eles sabem o quanto lhes custa! Mas é nobre o ideal! Coragem e nada de desânimos. Que o povo de Cervães os ame dedicadamente.

Avante por Cervães e pela sua banda, e por tudo quanto fizerem para embelezar sua terra, construindo a nova igreja aseando belamente o cemitério, última morada dos seus entes queridos, desenvolvendo a indústria, rasgando estradas, electrificando a freguesia, etc., etc.—C.

NOTAS

(Continuação da página 1)

ta gente, sobretudo jovens, que não se convencem que certas leituras são perigosas, excitam a imaginação e perturbam a mente. Perguntem-no àquele indivíduo de Lisboa que resolveu meter-se num barquinho e passar a outras terras. Ao fim de alguns dias encontraram-no inanimado dentro da pequena embarcação. Conforme declarou, tinha lido muitos livros de viagens maravilhosas e queria imitar os seus heróis...

3) Muitas vezes se afirma que «santos da porta não fazem milagres» ou «ninguém é profeta em terra própria». É tal a mania dos portugueses por tudo o que fôr do estrangeiro a ponto de se admirarem os mesmos estrangeiros. Há dias os jornais fizeram grande reportagem dum rapaz de Luanda que foi a Londres arranjar uma cara nova, pois tinha ficado horrivelmente deformado num incêndio. Afinal o rapaz escusava de ir buscar a cara tão longe, pois em Portugal há especialistas de cirurgia plástica que segundo os médicos londrinos, eram suficientes para fazer a operação. Mas quanto não vale o «made in England»... — M.

Beba vinho «ROYAL» que não tem rival

J. A. Fernandes

BRAGA

EM VILA VERDE

Pastelaria Bar-Vilaverdense

DOÇARIA LUZITANA

Rua Francisco Sanches, 119-127
Tel. 3300

e Jardim de Santa Bárbara

BRAGA

Sala de Chá

Todas as qualidades de doce

Esmerado serviço de Casamento e Festas de todas as espécies

CASA CLARO

DE Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

SEDE — Rua D. Diogo de Sousa, 100
FILIAL — Rua Francisco Sanches

TELEFONE 2305 — BRAGA

SABOARIA E PERFUMARIA

CONFIANÇA

S. A. R. L.

SABÕES

SABONETES

PERFUMARIAS

BRAGA PORTO LISBOA

Cíclo Litúrgico

EVANGELHO

El, tendo saído dali, retirou-se Jesus para as partes de Tiro e de Sidónia. E eis que uma mulher Cananea, que tinha saído daqueles arredores, gritou, dizendo-lhe: Senhor, Filho de David, tem piedade de mim! Minha filha está miseravelmente atormentada do demónio. Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E, aproximando-se seus discípulos, pediam-lhe, dizendo: Despede-a, porque vem gritando atrás de nós. E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas que pereceram da casa de Israel. Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, valei-me! Ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães. E ela replicou: Assim é, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos. Então Jesus, respondendo, disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua fé! Seja-te feito como queres. E desde aquela hora ficou sã a sua filha.

17 — Domingo 11 da Quaresma. Priv. de 1.a ordem. Semiduplex. — Missa própria, sem Glória. 2.a oração de S. Patricio, Credo, Prefácio da Quaresma, Benedicamus Domino.

* Hoje não coincidem os evangelhos do rito bracarense e do romano, que este repete o de ontem. Os fiéis que seguem a missa por missas encontrão o de hoje na quinta-feira antecedente. (Milagre da Cananea).

18 — Segunda — S. Cirilo de Jerusalém, B. C. D. — Missa própria, Glória, 2.a oração da feria. Tracto, Credo, Prefácio da Quaresma. Último evangelho da feria.

Ou: Missa da feria (2.a depois do 11 domingo) sem Glória, Flectamus genua, 2.a oração de S. Cirilo, Sem Credo, Prefácio da Quaresma. Humiliate; oração sobre o povo. Benedicamus Domino. — Paramentos roxos.

19 — Terça — S. José, esposo de N. Senhora, C. P. — Missa própria, Glória, 2.a oração da feria, Tracto, Credo, Prefácio próprio, No fim evangelho da feria.

* Hoje, descobrem-se as imagens (ou retábulos, não porém as cruces processoriais).

20 — Quarta — S. Martinho de Dumo, B. C. — Duplex maior. — Missa própria Glória, 2.a oração e último evangelho da feria. Credo, Prefácio da Quaresma. — Paramentos brancos.

Ou: Missa da feria (4.a) depois do 11 Domingo, sem

EVANGELHO

Um dia estava Jesus expulsando o demónio, o qual era mudo. E, depois de o ter expulso, o mudo falou e as multidões ficaram maravilhadas. Mas alguns deles disseram: Ele expulsa os demónios por virtude de Bulzebub, príncipe dos demónios. E outros, para O tentarem, pediam-lhe que lhes mostrasse um prodígio do céu. Ele, porém, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: todo o reino dividido contra si mesmo será desolado e cairá casa sobre casa. Se, pois, Satanás está dividido contra si mesmo, como estará em pé o seu reino? Porque vós dizeis que por virtude de Bulzebub é que eu lanço fora os demónios. Ora, se é por virtude de Bulzebub que eu lanço fora os demónios, vossos filhos por virtude de quem os repelem? Por isso eles serão os vossos juizes. Mas se eu pelo dedo de Deus lanço fora os demónios, certamente chegou a vós o reino de Deus. Quando um valente armado guarda a entrada da sua casa, estão em segurança os bens que possui. Mas se, sobrevindo outro mais valente do que ele, o vencedor tira-lhe todas as suas armas, em que confiava e repartirá os seus despojos. Quem não é comigo é contra mim; e quem não colhe comigo, desperdiça.

Quando o espírito imundo sai dum homem, anda por lugares secos, buscando repouso; e, não o encontrando, diz: voltarei para minha casa, donde saí. E, quando vem, a encontra varrida e adornada. Então vai e toma consigo outros sete espiritos piores do que ele e, entrando, habitam ali. E o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro.

E aconteceu que, enquanto ele dizia estas palavras, uma mulher, levantando a voz do meio da multidão, disse-lhe: Bem afortunado o ventre que te trouxe e os peitos a que foste amamentado. Mas Ele disse: antes bem afortunados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática.

ABRIL

1 Segunda — Da feria. Simples. — Missa própria (2.a-feira depois do 4.o Domingo) sem Glória, Flectamus genua, 2.a oração A cunctis, 3.a Omnipotens, Prefácio da Quaresma, Humi-

liate, oração sobre o povo, Benedicamus Domino. — Paramentos roxos.

2 — Terça — S. Francisco de Paulo, C. — Duplex. — Missa própria, Glória, 2.a oração da feria, Tracto, Prefácio da Quaresma. Último

Assinantes que pagam adiantadamente

(Continuação da pág. 1)

pagam-se no princípio de cada ano.

Dos últimos dias registamos os seguintes:

António Pereira Lima, Prado; P.e António Peixoto de Oliveira, Friande; António J. Martins e Joaquim José de Araújo Pereira, de Soutelo; Artur Alberto Dias, Agostinho Pimenta e Celso Fernandes Pimenta, de Lisboa; D. Adília dos Anjos Queirós, Prado; Empresa Caramica do Minho, L.da, Guimarães; Augusto Gomes de Sousa, de Oleiros; António Dantas e Manuel Ferraz Peixoto, de Prado; José Joaquim da Mota, Godinhaços; Maria Flor de Araújo, S. Miguel, de Oriz; José Maria da Silva, S. Miguel de Oriz; Rogério Oliveira Nogueira, Porto; Sucessores de João Luís Soares, S. Paio de Merelim; D. Maria Teresa Fernandes dos Santos, Brasil e Manuel Dias da Costa, Moçambique.

Evangelho da feria. — Paramentos brancos.

* Ou: Missa da Terça-feira depois do Dom. 4.o, própria, sem Glória, Flectamus genua, 2.a oração de S. Francisco de Paula, Prefácio da Quaresma. Humiliate; oração sobre o povo. Benedicamus Domino. — Paramentos roxos.

3 — Quarta — Da feria. Simples — Missa própria, sem Glória. Flectamus genua, 2.a oração A cunctis, 3.a Omnipotens. Prefácio da Quaresma. Humiliate; oração sobre o povo. Benedicamus Domino. — Paramentos roxos.

4 — Quinta — S. Isidoro B. C. Dr. — Duplex. — Missa In medio, Glória, Orações próprias, 2.a da feria, Tracto, Credo, Prefácio da Quaresma. No fim, evangelho da feria. — Paramentos brancos.

* Ou: Missa da Quarta-feira depois do Dom. 4.o sem Glória nem Credo, Flectamus genua, 2.a oração de S. Isidoro, Prefácio da Quaresma, Humiliate; oração sobre o povo. Benedicamus Domino. — Paramentos roxos.

5 — Sexta — S. Vicente Ferrer, C. — Duplex. — Missa Os justis, Orações próprias, 2.a da feria. Tracto, Prefácio da Quaresma. Último evangelho da feria. — Paramentos brancos.

* Ou: Missa da Sexta-feira depois do Dom. 4.o sem Glória, Flectamus genua, 2.a oração de S. Vicente Ferrer, Prefácio da Quaresma. Humiliate; oração sobre o povo, Benedicamus Domino. — Paramentos roxos.

* Primeira Sexta-feira. — Onde houver os exercícios de desagravo. — Missa Cogitationes, Glória, 2.a oração e último Evangelho da feria, Tracto, Credo. Prefácio do Coração de Jesus. — Paramentos brancos.

* Hoje: Abstinência sem jejum.

6 — Sábado — Do Cântico dos Cânticos. — Semiduplex. — Missa, III, de Nossa Senhora, 2.a oração da feria, 3.a do Espírito Santo, Tracto, Prefácio da veneração. No fim, evangelho da feria. — Paramentos brancos.

* Ou: Missa do Sábado depois do Dom. 4.o sem Glória, Flectamus genua, 2.a oração de N. Senhora, 3.a A cunctis, Prefácio da Quaresma, Humiliate; oração sobre o povo. Benedicamus Domino. Último Evangelho de N. Senhora. — Paramentos roxos.

* Cobrem-se as cruces dos altares.

Congregação

de N.ª S.ª do Alívio

APÊLO

Vilaverdenses:

A nossa querida e simpática congregação, agora já conhecida através do nosso periódico regional, tenta lançar raízes em terra firme, para se tornar uma árvore frondosa a cujos ramos e sob um terno altar da Virgem se acolherão os vossos, os nossos filhos.

Levanta para vós os olhos, põe em vós e nos vossos corações toda a esperança, leva junto de vós o grito de auxilio!

É necessário arrancar do vício e da terra os filhos da desventura, é necessária uma casa para os receber.

Nesta quadra turbulenta da vida em que o erro campeia por toda a parte em assustadoras proporções, urge e que se valha a pobre e desvairada mocidade em prol da nossa Terra e da nossa sã doutrina! A maior parte da mocidade, empestada pela animalidade e pela inconsciência, levanta, mãe que me escutas, pai que se segue estas linhas, filha que choras a tua desdita. A Seta devoradora da felicidade em que já abundastes.

E são tantos! Tantos que estorvaram o futuro das vossas filhas! Tantos que roubaram e continuam a roubar a inocência das vossas filhas, até as flores riosas e impolutas!

A mocidade de hoje, esqueceu-se de que serão os pais de amanhã, e que trabalham para a ruína daqueles que serão os seus filhos, os filhos da peste, que fatalmente serão a peste em terras múltiplas e assustadoras!

Traem a honra e a dignidade de outrem, com a mesma facilidade que esboçam um traço de sorriso! E as vítimas fáceis, vão-se acumulando no campo da corrupção!

E nesta enseada de morticínio satânico, levanta-se a voz terna mas ofendida da S.ª Virgem por intermédio desta congregação, a repetir a ameaça que há anos recuados, magoada e triste, dissera à sua vidente Lúcia: "se Portugal não se emendar dos seus graves erros, castigo maior assolará o seu povoll"

Eis pois bom povo, que a congregação de N.ª S.ª do Alívio, quer chamar a si toda a mocidade do sexo forte, para que este deixe de ser frágil mas...

Um problema, um grave problema se levanta: a aquisição de um tecto que abrigará essa mocidade! Está aberta nesta congregação, a página de ouro, no livro do mesmo nome, dos beneméritos desta associação. Estamos em negociação com o terreno, bem situado e centralizado, que, havendo sido comprado por 25.000 escudos, nos é cedido a título de auxilio por um grande benemérito desta obra, por 15.000 escudos, mas apenas podemos contar com 10.000 escudos de que dispomos. Contamos pois contigo, bom povo, e com a tua generosidade.

Aqui fica a voz de um congregado que, sentindo sobre os ombros o peso de um cargo que lhe fôra imposto, apela para o vosso coração, certo de que o não fará em vão.

As andorinhas

Já cantam as andorinhas,
Volteiam as borboletas;
Voejam com mágoas minhas,
Perfumes de violetas.

Vinde, aladas cantoras
Das margens do Nilo azul,
Alegre nossas auroras,
Com novidades do Sul.

(Tenho saudades... Saudades!
Do anoitecer dos casais,
Do toque lento às Trindades,
Do chilreio nos beirais.

Daquelas horas dormentes,
Quando está a findar o dia;
Daqueles ruidos plangentes
De indefinida harmonia.)

Desabrocham as florinhas
Por entre franças de hera.
Chegaram as andorinhas
Núncias da Primavera.

Prado, Março de 1957.

A. da Lousa

Culinária

(Continuação da página 6)

SALADA DE BATATAS

Corta-se em rodas bem finas umas batatas cozidas. Faz-se um molho com quatro colheres de azeite, duas de vinagre, sal, pimenta, salsa, e cebolas cortadas bem finas. Pode-se esmigalhar no azeite antes de juntá-lo ao vinagre, duas gemas cozidas. Mistura-se as batatas com o molho e enfeita-se a salada com ovos cozidos, azeitonas e folhas de alface. Esta salada para ficar boa deve ser preparada umas duas horas, antes de servir-se.

Por Marrancos

CURSO DE ADULTOS

Iniciouse nesta freguesia um Curso de Educação de Adultos que é uma grande facilidade para muita gente, pois sem ele não teriam oportunidade de se instruírem. Oxalá que ninguém deixe de aproveitá-lo.

BAPTIZADOS — No dia 3, Lucinda, filha de António da Silva e de Maria de Conceição Gonçalves, de Monte Aforado. No dia 10, Alberto, filho de José de Oliveira Durães e Maria de Lurdes Correia, do lugar de Arranhó.

VISITAS — Cumprimos há dias o sr. José de Castro e esposa s.ra D. Isilda Oliveira Faria, filha do nosso querido Amigo sr. Dr. José Faria e que vieram visitar pessoas amigas e parentes. Inscreveram-se como assinantes de «O Vilaverdense». Que estas visitas se repitam.

PARA LISBOA — Ansentouse por algum tempo o Sr. Dr. Amaro de Oliveira e esposa.

TRACTOR — Chegou há dias, em regime experimental, um tractor de boa marca alemã que um grupo de lavradores pretende adquirir para cultivar convenientemente as suas terras.

Pensa-se organizar uma cooperativa agrícola e mútua de gado bovino — Seguro do gado — para desenvolver a nossa lavoura tão empobrecida. Coragem e não desanimem.

TABERNAS — Sobre uma «nota» do último «Vilaverdense» acerca das tabernas, devemos informar que nesta freguesia os proprietários dos 3 estabelecimentos que existem, regra geral, procuram fazer o seu negócio, mas fecham as portas conforme o horário, não acoutam borrachões ou vádios, não consentem jogos proibidos, nem a entrada de menores.

CHEGADA — Do Caravello, onde esteve alguns me-

ses, regressou completamente restabelecida, a S.ra D. Lidia Vieira Braga, distinta professora. —C.

Da Portela do Vade

(Continuação da página 6)

FESTA DE S. JOSÉ — Tudo se prepara para a festa do Padroeiro a realizar-se no dia 19 do corrente, começando um tríduo de pregações no dia 15, feito pelo Rev.do P.e Manuel António Paula, distinto professor do Seminário diocesano.

Os nossos conterrâneos amantes, a ganhar a vida no Brasil, quer em qualquer parte do país, não esquecem o seu padroeiro e a festa que lhe fazem na sua freguesia, e mandam as suas esmolas. S. José patrono das famílias cristãs, abençõe as suas e as nossas famílias.

Desde que foi creada esta paróquia eclesiástica e dedicada a S. José como seu padroeiro, houve uma transformação radical nos costumes deste povo. E' por isso que grande é a devoção deste povo a este Santo Patriarca e Padroeiro.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO — Celebrou o seu aniversário natalício a s.ra D. Leopoldina das Dóras Pereira de Azevedo, esposa do nosso amigo e estimado industrial desta localidade Armando Rodrigues Peixoto, no dia 6 deste mês, sendo festejado o acto em alegre convivio da sua família. Os nossos cumprimentos por muitos anos.

—Chegou há dias a sua casa de Cirão o Sr. António de Abreu depois duma ausência de dezoito anos no Rio de Janeiro. Vem bastante doente.

CHUVA — Continúa a chuva a flagelar-nos o que causa muitos atrasos nos trabalhos do campo. —C.

O modesto correspondente desta nobre, antiga e histórica Vila do Pico de Regalados e freguesias vizinhas que constituem o famoso vale com o mesmo nome tem a maior satisfação em prestar o seu insignificante concurso para o primeiro aniversário do conceituado «Vilaverdense» que á transpôs os limites da nossa pátria, levando ás nossas províncias ultramarinas e à nação irmã do outro lado do Atlântico, a notícia dos problemas que preocupam os povos trabalhadores e ordeiros que habitam no nosso vasto conchelo de Vila Verde.

Resolvemos começar a historiar alguns dos principais factos que noutros tempos enobreceram esta encantadora vila e estamos convencidos de que esses brilhantes exemplos que nos deram os antepassados hão-de contribuir para fortalecer aqueles que hoje habitam estas mesmas casas, onde noutros tempos viveram pessoas que se imortalizaram pelas suas nobres acções.

Ainda existe nesta vila uma casa com brasões que pertencem à distinta, antiga, nobre e ilustre família dos Abreus, afirmando alguns que é procedente da Casa Real de França pela linha e varonia dos Condes de Evreux. Outros afirmam que os Abreus em Portugal são mais antigos do que os Condes de Evreux na França, que viveram pelos princípios do século XIV, mas muitos autores julgam que seja indiscutível a origem comum dos Abreus e dos Evreux e por essa razão as nossas crónicas antigas atribuem a Gonçalo Rodrigues o apelido de Avreu em vez de Abreu. Este nobre ascendente dos Abreus de Regalados fora mordomo-mór e um dos mais destemidos soldados do nosso primeiro rei, D. Afonso Henriques, como já tinha sido de sua mãe, a rainha D. Teresa.

Sabemos que estes cargos de tanta distinção somente se conferiam aos mais nobres e ricos fidalgos da corte dos nossos reis.

Daqui concluímos que os Abreus eram pessoas de grande prestígio junto dos nossos reis. D. Fernando em 20 de Novembro de 1368 concedeu a João Gomes de Abreu o Castelo de Torres Novas e no primeiro dia do ano de 1374 também confiou ao mesmo Abreu o Castelo de Tomar.

D. João I, o rei que tanto engrandeceu a nossa pátria, o décimo sexto avô da rainha D. Isabel II de Inglaterra, que, recentemente, foi recebida triunfalmente na capital do nosso império e na capital do norte, constituiu seu reposteiro-mor Fernão Lopes de Abreu e além disso ainda lhe legou vários bens em 1384. Concedeu ainda a Diogo de Abreu o Castelo de Monção e na mesma data miouseou com várias mercês a Gonçalo Rodrigues de Abreu.

Da família dos Abreus saíram ainda homens ilustres que elevaram ao apogeu de grandeza a nossa pátria tanto no aspecto religioso como literário e bélico.

Citamos apenas alguns para provar a afirmação que fazemos. No aspecto religioso lembramos D. Alvaro de Abreu, Regedor das Justiças, Capelão-Mor do rei D. Duarte e insigne Bispo de Évora que presidiu aos destinos espirituais da mesma diocese, durante 11 anos, desde 1429 a 1440; D. João Gomes de Abreu, ilustre Bispo de Viseu em 1482 e D. João Pimenta de Abreu, venerando Bispo de Angra, que governou a mesma dio-

cese durante seis anos, desde 1626 a 1632.

No aspecto das armas podemos lembrar Luís de Abreu de Melo, vereador da Casa do Rei D. João IV; Lopo Rodrigues de Abreu, fidalgo da Casa do Infante D. Fernando, Duque de Beja e pai do nosso rei D. Manuel.

Mas entre estes varões ilustres brilha como astro de primeira grandeza o inesquecível António de Abreu, que foi invencível cooperador do 2.º Vice-Rei da Índia; D. Afonso de Albuquerque, o grande lutador pelas glórias da nossa pátria nas longínquas terras do Oriente.

O referido António de Abreu não sabia o que era sucumbir à força do inimigo e por isso, quando no cerco de Malaca, um tiro lhe esfacelou a face e quebrou os dentes, ele soube responder varonilmente, e, tintono seu próprio sangue, diz ao imortal Afonso de Albuquerque:

— Saiba o brioso representante do nosso rei que, ainda que não tenha forças para continuar a lutar nem língua para dar ordens aos meus soldados, hei-de continuar a ser até à última palpação do meu coração. Soldado da pátria querida, que espero engrandecer com a minha colaboração. Este ilustre português foi mais tarde nomeado capitão-mor da Ilha de Bauda e foi o primeiro que arvorou a nossa bandeira e levantou padrões imortais nesta ilha, contribuindo deste modo para o engrandecimento de Portugal nestas longínquas terras do Oriente.

Os Abreus nos reinados de D. Pedro e D. Fernando ficaram a possuir 11 alcaidarias-móres que se estendiam desde Melgaço e Monção a Alter do Chão e Elvas.

Não é portanto para admirar que esta família fosse uma das mais distintas nesses tempos de saudosos recordação. Durante a segunda dinastia, esta família continuou a ser distinguida pelos altos poderes da nação, mas em 1640 Pedro Gomes de Abreu perdeu todos os domínios que lhe tinham sido legados pelos seus antepassados em virtude de ter passado para Castela onde Filipe IV o nomeou Conde de Regalados.

Deste modo os grandes domínios dos Abreus passaram para a Coroa e D. João IV, o rei restaurador, concedeu-os ao ilustre português Gastão Coutinho que era nessa data governador da província do Minho, Capitão General de Tânger e Comendador de Caldelas.

Porém a família dos Abreus não tinha seguido as ideias daquele que se afastou para Castela e os irmãos de Pedro Gomes de Abreu, gozando de grande prestígio junto do governo da nação e conservando-se fieis ao rei restaurador, conseguiram de novo os domínios perdidos, ficando D. Gastão Coutinho apenas com o Senhorio de Regalados. Os Senhores de Regalados parece que abusaram algum tanto do seu poder e influência, pois o nosso insigne poeta, Sá de Miranda, os comparava a lobos, numa carta que escreveu da sua quinta da Tapada a seu irmão Mem de Sá, referia-se aos Senhores de Regalados nestes termos:

— «Agora, porque vos conte Quanto vi— tudo é mudado Quando recolhi ao monte Por meus vizinhos de frente Vi lobos no povoado»!

PICO DE REGALADOS

Por esta notícia referente à história dos Abreus de Regalados verificamos que esta vila é muito antiga e que sempre nesta terra existiram homens de projecção nacional que não se contentaram em mostrar o seu alto prestígio apenas dentro dos limites de Portugal Continental, mas foram derramar o seu sangue azul nas longínquas terras do Oriente, pois vimos que um ascendente dos Abreus foi o principal soldado do 2.º vice-rei da Índia, Afonso de Albuquerque, que governou aquela província portuguesa durante seis anos (1509 a 1515).

O P.e António Carvalho da Costa diz na sua corografia portuguesa que nesta vila e seu termo havia muita gente nobre, sendo uns descendentes dos Senhores da Vila e outros descendentes de boas famílias. Até 1855 esta vila foi sede de concelho que abrangia 15 freguesias, sendo São Paio, São Miguel de Prado, São João de Atães, São Cristóvão, São Mamede de Vilarinho, São João de Coucieiro, Santo Estêvão de Barros, Santa Eulália de Sande, São Mamede de Gomide, São Vicente de Caldelas, Santa Marinha de Oriz, São Miguel de Oriz, São Pedro de Valbom, São Miguel de Paço e São Martinho de Valbom.

Em algumas destas freguesias existem casas rodeadas de belas quintas com história interessante, mas a publicação dessas antiguidades ficará para outra crónica para não alongar muito esta que já é bastante extensa. A maior parte das casas que formam esta vila pertence à actual freguesia de São Paio, havendo algumas que estão incluídas na reguesia de São Cristóvão e outras na de São Miguel de Prado.

Esperamos que São Paio, o brioso menino, que morreu com tão pouca idade mas cheio de merecimentos, e que é o padroeiro da freguesia que tem o mesmo nome, interceda junto de Deus por este povo ordeiro, trabalhador e cristão e seja o mensageiro das bênçãos do Altíssimo para esta encantadora terra do Pico de Regalados.

Temos também plena confiança no arcanjo São Miguel e estamos convencidos de que não deixará de interceder pelos seus protegidos que habitam nesta vila de Pico de Regalados e ao mesmo tempo erguemos as nossas preces ao glorioso São Cristóvão para que seja o poderoso advogado, junto do Senhor, em favor dos seus devotos e dum modo especial daqueles que fazem parte da nobre vila de Pico de Regalados. Todos nós admiramos a nobreza que se distingue por obras valorosas que concorrem para libertar da lei da morte aqueles que as praticaram, mas sabemos que a verdadeira nobreza está no cumprimento integral da lei do Senhor.

O mundo com todas as suas grandezas é demasiadamente pequeno para satisfazer as aspirações do nosso coração, por isso a nossa grandeza está em sabermos colocar as coisas no seu lugar e sabermos aproveitar tudo aquilo que nos rodeia para conseguir o fim para que fomos colocados nesta terra. Podemos concluir que só Deus é grande e depois de Deus só a virtude é digna da nossa admiração. Oxalá que aqueles que mencionamos nesta modesta crónica e que levaram

a vila de Pico de Regalados a tanta grandeza, tenham obtido a grande felicidade de ver a Deus como ele se vê a si mesmo e de O conhecer como Ele se conhece, pois é nisto que está compreendida a verdadeira nobreza.

Este periódico, que tem por lema honrar a Nossa Senhora sob o título de Senhora do Alívio, tão querida do povo de Vila Verde e doutras localidades, como se verifica por grande número de peregrinações que visitam o seu Santuário, resolveu dedicar o seu primeiro aniversário ao glorioso São José que o imortal Pio IX em 8 de Dezembro de 1870 proclamou protector da Santa Igreja e defensor do corpo místico de Jesus Cristo.

Esperamos que a Senhora do Alívio e São José intercedam junto de Deus e peçam as bênçãos para o ilustre Director do nosso «Vilaverdense» e para todos aqueles que, unidos ao mesmo, trabalham por um periódico sempre melhor e temos a firme esperança que as bênçãos do Altíssimo cumularão com grandes benefícios os nossos estimados assinantes e amáveis leitores que tão carinhosamente concorrem para as grandes despesas com o nosso «Vilaverdense» que pertence à Senhora do Alívio e ao glorioso patriarca S. José. Pedimos as bênçãos de Deus para esta região do Pico de Regalados, para o conchelo de Vila Verde, para Portugal e para o mundo.

P.º SALVADOR

Daqui Sande

Esta freguesia que também fez parte do antigo concelho de Pico de Regalados até ao ano de 1855 e nessa data foi incorporada no actual concelho de Vila Verde, está situada na parte superior do fértil vale do Pico de Regalados, tem 141 fogos com 557 habitantes, não incluindo 70 pessoas que se encontram ausentes para conseguirem melhorar as suas condições económicas.

O P.e Carvalho na sua corografia portuguesa, ao mencionar esta freguesia, chama-lhe Santa Vaia de Barros e apenas indica a Casa da Penha e chama-lhe antiga e nobre e diz que foi de Bento da Silva de Menezes e seu cunhado Lourenço de Sousa.

Há mais casas de certa importância, mas não vêm mencionadas na referida corografia.

Desde 1930 esta freguesia tem progredido materialmente e também no aspecto espiritual. Já não é a terra encravada na serra, pois está servida pela estrada municipal n.º 545-1, que liga esta povoação aos principais centros do nosso país. A construção desta estrada deve-se ao dinamismo do antigo pároco desta freguesia, P.e Jeremias César Rodrigues Peixoto que com o auxílio prestado por um paroquiano, Alberto Peixoto Amorim e com a colaboração do povo trabalhador desta terra, realizou a grande aspiração deste povo. Houve várias contrariedades, mas tudo se resolveu pela melhor forma e hoje a estrada é uma consoladora realidade que tantos benefícios tem prestado a esta terra. Espera-se a ligação para a Portela do Vade e já estamos informados oficialmente que dentro do mais curto espaço de tempo, será construída a estrada nacional n.º 507, que vem do Poente, cruzará com a estrada nacional n.º 101 na Portela do Vade e se dirigirá para Terras de Bouro.

Logo que esta estrada seja construída a que vai desta freguesia será ligada com ela e neste caso tornar-

se-á consoladora realidade aquela esperança de que vamos vivendo na expectativa deste grande melhoramento para a freguesia de Sande e vizinhas.

Telefone

Desde o dia 4 de Novembro de 1955 está a funcionar um posto público de telefone na casa do nosso amigo, José Maria Ferraz, que tem empregado os seus melhores cuidados para atender todas as pessoas que precisam de comunicar com aqueles que se encontram longe. Havia algumas pessoas que diziam que o telefone não era necessário, mas até essas já têm precisado dele. A prova de que era um melhoramento que havia de contribuir para o progresso desta terra está no grande número de chamadas que o nosso amigo Ferraz todos os meses regista nos seus livros para prestar contas aos superiores. Constituiu-se uma comissão para pagar as despesas com a instalação e essa comissão sacrificou-se para que tudo corresse bem.

Os nossos parabéns ao Sr. Presidente da Junta que, quando alguém, para se rir um pouco, lhe dizia que o telefone seria levantado porque a comissão não se aguentaria, respondia que nunca aconteceria tal coisa, pois ainda havia em Sande quem se sacrificasse para pagar as despesas.

Os nossos agradecimentos à Casa do Povo do Pico de Regalados que também contribuiu com a bela quantia de 500\$00 para ajudar as despesas.

Não podemos deixar de mencionar o Sr. Adelino Gonçalves Lopes e o Sr. Júlio Augusto Cerqueira que empregaram os seus melhores esforços para nos mimosear com esta valiosa ajuda.

Não podemos deixar de agradecer com muito reconhecimento aos C.T.T. a isenção da taxa mensal que veio aliviar as responsabilidades da Comissão organizadora.

Solenidade das 40 horas

Nos três dias de Carnaval realizou-se nesta freguesia a solenidade das 40 horas com missa cantada às 10 horas de cada dia e solene adoração às 5 da tarde.

Desde o fim das missas até às horas de adoração esteve o SS. exposto à veneração dos fiéis que nas horas que lhes foram previamente determinadas vinham prestar a sua homenagem de reparação ao Senhor.

Rezou-se continuamente durante o dia no sentido de reparar as ofensas que nesta data do ano se fazem por tantas terras. Esperamos que Nosso Senhor continue a proteger esta gente piedosa que concorreu com a sua assistência e as suas esmolas para a solenidade das 40 horas. Todos os altares estiveram profusamente iluminados durante o dia.

A cerca custou 500\$00, mas no fim dos três dias tivemos a oportunidade de retirar do prato das esmolas a bela quantia de 510\$00.

Rezou-se pelas intensões do Santo Padre, pelos nossos irmãos peregrinos, pela paz, pelos ausentes desta freguesia, pelos doentes e pediu-se ao Senhor uma bênção especial para os campos de Sande e para todos os filhos desta freguesia.

Sermões quaresmais

Realizam-se todos os domingos da quaresma na igreja paroquial desta freguesia os sermões quaresmais que este ano versarão sobre os novísimos do homem. No primeiro domingo a igreja encontrava-se completamente repleta de fiéis que ouviram com toda a atenção a palavra de Deus. Rezou-se o terço, fez-se o exercício da Via-Sacra e também se realizou o exercício em honra de São José. Em todas estas cerimónias religiosas se gastou perto de hora e meia e neste espaço de tempo, todos os fiéis assistiram atentamente aos actos realizados. Uma pessoa de Vieira do Minho que aqui se encontrava ficou admirada de ver tanta gente na igreja, principalmente homens.

Nestes tempos calamitosos em que vivemos, só Deus nos poderá valer e afastar para longe os grandes flagelos que oprimem os povos separados por ódios e ideologias contrárias que causam graves apreensões aos responsáveis pela direcção dos povos, pois muitas vezes, ainda que estejam animados de boa vontade, não podem resolver casos difíceis que surgem dum instante para o outro. Só Deus poderá valer à pobre humanidade e por isso o povo desta freguesia se ajoelha muitas vezes diante do mesmo Deus a pedir o seu auxílio para esta terra e para o mundo.

Mais um emigrante

No dia 11 do corrente embarcou, no Vera Cruz, para o Rio de Janeiro o nosso amigo Eduardo de Oliveira, natural da vizinha freguesia de Atães e residente nesta freguesia de Sande. Antes de partir desta terra mandou fazer uma adoração ao Santíssimo Sacramento para pedir ao Senhor, que domina os mares e os ventos, a bênção para a longa viagem que tem de fazer até às terras de Vera Cruz.

Apesar de haver por aqui quem dissesse publicamente que não poderia embarcar por causa da saúde, os médicos afirmaram que o nosso amigo Oliveira não era portador de doença alguma e não puseram a mais pequena dificuldade. Aconselhamos mais um pouco de prudência aqueles que costumam falar antes do tempo e fazer afirmações sem fundamento.

Esperamos em Deus que o nosso amigo volte um dia para junto da sua família com as mesmas ideias com que partiu desta terra para melhorar as condições económicas da sua casa.

Assinante do «Vilaverdense»

O nosso bom amigo Agostinho Gomes Veloso que recebe o «Vilaverdense», por avião, escreveu-nos há dias uma carta que muito nos agradou e em que dizia que vai enviar a importância da assinatura brevemente e que vai pedir a outros amigos para assinarem. Daqui enviamos os nossos parabéns ao distinto filho de Sande e prometemos que a sua carta tão atenciosa vai ter uma resposta brevemente e fazemos votos para que continue a proceder como diz na referida carta. Se continuar a ser como diz, prometemos que as bênçãos do Senhor hão-de aformosar cada vez mais a sua alma e há-de ser um homem de valor, um dia, na sua terra de Sande.

Agostinho Edmundo Pimenta

Este nosso caro amigo, que, há dias, veio de visita à sua terra adoptiva de São Pedro de Valbom para assistir ao baptizado da sua primeira filhinha, não quis partir para Lisboa sem visitar a sua família de Sande. Aproveitou a ocasião para nos entregar mais uma nova assinatura paga adiantadamente e ao mesmo tempo pagou já a assinatura pessoal para o segundo ano, exemplo seguido pelo seu estimado irmão, Celso Pimenta. Os nossos parabéns aos dois briosos filhos de Sande e distintos propagandistas do nosso «Vilaverdense». — C.

FUTEBOL

Em retribuição de visita, deslocou-se no passado domingo, dia 3 do corrente, a Vila Verde, o forte agrupamento de Areias (Barcelos) para assim disputar mais um desafio de futebol amigável. O encontro era aguardado com grande interesse, devido ao Vilaverdense ter empattado no campo do adversário.

O grupo de «Areias», que foi dos melhores agrupamentos, que passou pelo nosso campo esta época, veio reforçado de novos elementos, o que tornou mais difícil a nossa tarefa, visto o nosso club à última hora não poder contar com dois dos principais guarda-redes, o que obrigou a recorrer ao seu avançado centro «Jóca», que assim fez falta na linha da frente, mas que entre os postes mostrou possuir a sua classe que o tornou célebre em tempos «áureos» da sua mocidade. O «Vilaverdense» alinhou com: «Jóca», Casôto e Faria; Dulcídio, Jaime e Fidalgo; Lago, Tarcísio, Arnaldo, Toninho e Lúcio. O Vilaverdense venceu por 2-1, embora com dificuldade mas que não deixou dúvidas no resultado.

Os golos foram marcados por Toninho e Arnaldo, e pelo vencido Luís.

Temos a salientar a boa camaradagem que reinou fora e dentro do campo.

J. G.

Lede e assinai «O Vilaverdense»

José Maria Ferraz

Mercearia, Vinhos e Miudezas

Telefone, 71022

SANDE

Quem quiser ser servido com seriedade deve visitar esta Casa onde será atendido com prontidão.

Preço anual de assinaturas:	
Continente	25\$00
ULTRAMAR e Brasil (via marítima)	55\$00
" " (via aérea)	140\$00
Outras nações (via marítima)	65\$00
" " (via aérea)	160\$00

Feiras, festas e romarias DO MINHO

É dia de feira. Como é preciso comprar algumas coisas de utilidade para a casa, (uma saia de riscado para a Maria; um cachene e um avental para a Carlota e um par de calças para o António) a filha mais velha, ajudada pela mãe, terá de preparar o açafate da feira. Enchem-no com variadas coisas, como: uma ou duas saquinhas de meio quarto, com feijão, umas outras com batatas, castanhas e por cima irá uma com ovos — posta com cuidado para que o galo pedrês, que irá com as pernas atadas e a espreitar por entre a alva toalha de linho, que cobrirá o açafate, não os quebre.

Depois das habituais recomendações da mãe e dos pedidos insistentes dos irmãos, para ela não se esquecer deles, parte descalça, apressada e preocupada com os pedidos que lhe fizeram, que inúmera pelo caminho: «um avental, um cachene, um par de calças, uma saia; uma vassoura de giesta para a vizinha e ainda um assobio de barro para o irmão mais novo».

Se vai para a feira de Vila Verde ou do Pico dos Regalados, ao passar à capelinha de S. Amaro de Barbulho, não se esquece de fazer uma inflexão de joelhos e prometer dar uma esmola se vender tudo; mas se vai para Braga, também não lhe passa despercebida a passagem na ponte de Prado. — Ao meio da ponte — com as costas voltadas para a foz do rio Cávado, faz uma vénia e balbuciona uma oração a N. Senhora da Abadia — que muita gente diz enxergar dali o seu mosteiro. E com essa visão que porventura só existirá na crença dessas raparigas tão alegres e despreziosas, pede nas suas orações, boa venda do conteúdo do açafate.

Cada feira tem características próprias, que a valoriza e torna preferida. Assim: — Para comprar ou vender bois, hortaliças, fatos de fãncaria, mobílias utilitárias, plantas, loiças, ferro-velho e quinilharias, as lavradeiras preferem a de Braga. Se se pretende boa loiça de barro vidrado, réstias de cebolas, repolhos e outras hortaliças ou cereais, — a de Barcelos. — Dizem as lavradeiras — falando de cereais: «Para boa medida só em Barcelos». Já a feira de Vila Verde é boa para comprar mantilhas, chales, cachenes, roupa de fãncaria e mel; cântaros e púcaros de barro de Prado ou de Oleiros, frutas ou cereais. Há quem prefira comprar bois ou ovelhas, na feira do Pico dos Regalados e porcos na de Ponte da Barca. Há ainda outras fei-

ras muito importantes: dos Arcos de Valdevez, Ponte do Lima, Amares, etc.

Nas feiras de gado bovino fazem-se transacções de compra ou de venda com uma facilidade impressionante. — O comprador para comprar uma junta de bois não precisa de pagar logo, nem assinar uma letra — basta que um negociante conhecido do vendedor, dê de si boas informações e, então, levará os boizinhos e só fechará o negócio daí a oito ou quinze dias se os bois lhe interessarem.

Nas festas populares que têm feira franca, como a de S. João, em Braga; a da Agonia, em Viana; a das Cruzes, em Barcelos; S. António e S. Luzia, em Vila Verde; S. Sebastião, em Prado, etc., aparecem moçoilas de trajos típicos e garridos e com o pescoço a vergar com o peso de grossos cordões de ouro, à frente de uma junta de bois possantes e todos enfeitados. Sente-se o vibrar dos corações daquela gente moça, que é a alma do nosso tão belo Minho. E quantas vezes não sentimos o desejo de comprar um chapéu, fazer-lhe três bicos e colocá-lo na cabeça; comprarmos em seguida uma bengala listrada e cheia de arrebescos multiculores; amarrotar o fato, tirar a gravata, desabotoar a camisa e compartilharmos da alegria desses rapazes e raparigas que irradiam felicidade!

Se sentimos latejar o sangue nas artérias é porque os nossos antepassados também eram minhotos, iam às feiras, festas e romarias e eram camépinos concerteza.

Coimbra, 24/2/957.

a) Belarmino Alves de Araújo.

Alívio

Movimento Religioso durante a 1.ª quinzena de Março

Durante esta quinzena visitaram este Santuário 20 camionetes com devotos de N. S.ª do Alívio num total de 800 pessoas aproximadamente; sendo da Póvoa de Varzim, de Vila do Conde, Matosinhos e váriosromeiros de Guimarães, Famalicão, Porto, Riba d'Ave, Gerês, Ancora, Portela do Vade, Balugães, Cadelas e Adáuife.

O Reitor

P. José Dias Gomes

O TEMPO

(Ao VILAVERDENSE,

no seu primeiro aniversário)

*Ninguém, por mais que lute ousadamente,
O Tempo deterá no seu caminho.
Finda e renasce o Tempo num repente,
Das próprias cinzas faz o próprio ninho!*

*O Tempo vai passando pela gente,
Tão leve, tão subtil, tão de mansinho,
Que quase não se nota nem se sente
— O Tempo nasce e morre caladinho.*

*Passa o Tempo por nós infinito,
Ninguém percebe o seu correr esquivo,
Ri-se de todos e a ninguém sorri.*

*Mas, ai!, o Tempo, invisível Vagabundo,
Só ele goza este prazer jucundo
De nos fazer correr atrás de si...*

Braga, Março, 1957

Carlos de Vilar

Notas etnográficas

"Levar a banco,"

POR todo o Minho é conhecida a expressão — «levar o banco» — ou — «ir buscar o banco» — que durante esta quadra do ano e por toda a Quaresma se ouve e repete quase todos os dias.

E' um grupo de pessoas, é o pai, ou a mãe com o seu rancho que passa o caminho da igreja paroquial e do lado alguém irónicamente comenta, — vão buscar a banco.

Se estes ouvem, respondem imediatamente, — não vamos buscar o banco porque sabemos a doutrina; deixámo-lo lá para vós. Muitas vezes, são os próprios que dizem, ao passar por qualquer pessoa — vamos buscar um banco.

Não raro, sucede ser o próprio pai ou mãe que, ao chegar à presença do Pároco, lhe pergunta para arreliar os filhos: — Sr. Abade, não tem aí um banco grande e pesado para esta gente? — Qual é o banco que eles vão levar?

Não se ficam os rapazes ou raparigas, e, sorridentes, atalham prontamente: — eu com o banco não fico, porque sei a doutrina, ao menos, a precisa...

Assim ninguém quer levar ou ficar com o banco, por não saber a doutrina.

Na mór parte das freguesias desta Arquidiocese, ainda se conserva o louvável costume «de os fiéis acorrerem à igreja, antes ou por ocasião da desobriga, com o fim de serem examinados na doutrina».

Chamam-lhe a primeira desarrisca, desarrisca da doutrina, ou desobriga da doutrina; a segunda é a desarrisca própria dita, ou desobriga.

Portanto, a expressão «levar o banco», ou «ficar com o banco» quer dizer — não saber a doutrina.

Diga-se, em abono da verdade, não são muitos aqueles que desejam passar por esse vexame.

Qual seria o motivo que deu origem à referida expressão? Sabido é que, na idade média, havia e se aplicavam certos castigos para determinadas faltas ou delitos.

O desconhecimento da doutrina cristã, ou, ao menos, daquelas noções necessárias e indispensáveis, implicaria para os fiéis que se apresentavam aos sacramentos algum castigo ou

penalidade? Certamente.

Porém nada de estranhar.

Quando qualquer aluno se apresenta para exame e ignora as matérias do respectivo programa, arrisca-se a ficar «com a rapca», ou «com a gata», ou «apanhar um chumbo».

Coisas estas que os estudantes, de maneira nenhuma, apetezem, embora sucedam com arrelhiadora frequência.

E' dever grave para os fiéis cristãos conhecer a sua religião, conhecer as principais verdades da Fé, saber a Lei de Deus.

Também é dever grave dos pais, dos padrinhos, e até dos professores de ensinar o catecismo aos filhos, aos afilhados, e aos seus alunos. Um dos maiores males dos nossos tempos é, sem dúvida, a ignorância religiosa!

Diz-se que «de médico e louco todos temos um pouco». Será. Não obstante, observa-se que os assuntos mais discutidos por toda a gente são — religião, política e... futebol e... cinema!

Ora é precisamente sobre a primeira que maiores asneiras se dizem, Santo Deus! Quantos que mal sabem alinhar o Pai Nosso, não sabem fazer o sinal da Cruz, e atrevem-se, em público, a discutir o Dogma, o Moral, a Liturgia, o Direito Canónico, os membros da Hierarquia, etc.

Desgraçadamente quantos destes blasonam de sabidos e nunca leram nada, nem o catecismo! Pois alguns dos maiores incrédulos de que fala a História

(Continua na página 7)



Mons. Mosquera

Comemora hoje o seu aniversário natalício este nosso amigo e grande defensor dos interesses do «Vilaverdense». Já muito levamos a S. Re.^{ma} pelos preciosos trabalhos que nos tem enviado e muito esperamos dos seus apreciáveis talentos.

Associamos-nos a tão faustosa data e fazemos votos para que se repita por muitos e muitos anos.

VILA VERDE NO FOLCLORE MINHOTO

Santuários de N.ª S.ª do Bom Despacho e de N.ª S.ª do Alívio — Casamentos — Bessadas

O Concelho de Vila Verde tem costumes admiráveis, ricos de folclore, que é preciso guardar sagradamente, para não evolurem e desaparecerem na voragem das bocarras modernas dos alto-falantes. Alguns estão a localizar-se, e quase, tímidamente, a desaparecer. Houve costumes folclóricos que aqui nasceram e depois espalharam-se pelo Minho.

Ainda, actualmente, os grandes centros folclóricos, dum folclore religioso, espontâneo, são os Santuários de N. S.ª do Bom Despacho e N. S.ª do Alívio. Há tempos, dois amigos, sendo um de Lisboa, visitaram-me; falei-lhes nas maravilhas de N. S.ª do Bom Despacho, e, dentro em breve, para lá dirigimos o automóvel. Estava tudo quase deserto. Ficaram encantados com a típica construção do templo, em cima daquelas rochas, o panorama do vale do Cávado extasiou-os.

Mas, sem contar, deparei-se-nos um liudo espectáculo folclórico. Um grupo de rapazes faziam os seus romeiros, com os cantares típicos, à volta do Santuário. Nunca tinham ouvido, disseram-me maravilhosos.

No Santuário de N. S.ª do Alívio também estes romeiros são frequentes. A' noite cerrada, na quaresma, quando eu era pequenino, ouvia, aterrado, o lançar das almas. Do alto do lugar, uma voz cantava, numa melodia triste:

«Alerta, alerta,
a vida é curta
a morte é certa».

«Irmãos meus,
filhos da Virgem Maria
Rezai um Padre Nosso
e uma Ave Maria
Pelas Almas do Purgatório»

E depois a imaginação popular, nos seus contos, narrava casos aterradores à volta deste pregão. Quem fazia o «lançar das almas» não podia olhar para trás, apareciam almas penadas.

Houvesse o que houvesse, não poderiam deixar dia algum sem fazer o lançamento das almas na quaresma. Isto mais me aterrava, na escuridão da noite.

Mal sabia então que esse costume, de tão lindo folclore religioso, nasceu no Concelho de Vila Verde, no Santuário de N. S.ª do Bom Despacho. Foi o seu construtor, o anacoreta João da Cruz, quem começou em Cervães, e depois se espalhou pelo Minho, o «lançamento das almas».

Que pena me faz o abandono em que está o Santuário de N. S.ª do Bom Despacho! Não quero incriminar o seu bom e piedoso povo, a braços com a construção da sua nova Igreja Paroquial. Têm feito grandes sacrifícios pelo seu Santuário. Porém o Santuário de N. S.ª do Bom Despacho é fardo pesado, na sua conservação, para o povo de Cervães. E'

(Continua na página 7)



Um aspecto da Feira de S. Sebastião em Prado